

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS -UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

A IMPORTANCIA DO USO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO RURAL

PARINTINS -AM

2023

GABRIEL PRATA DOS SANTOS

A IMPORTANCIA DO USO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO RURAL

Trabalho de Conclusão de Graduação em Letras pela
Universidade do Estado do Amazonas, apresentado como
exigência para obtenção de Grau licenciado em Letras
Orientador: Profº Mestre Delma Pacheco Sicsu

PARINTINS - AM

2023

GABRIEL PRATA DOS SANTOS

A IMPORTANCIA DO USO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO RURAL

**Trabalho de Conclusão de Graduação em Letras pela
Universidade do Estado do Amazonas, apresentado como
exigência para obtenção de Grau Licenciado em Letras
Orientador: Prof^o Mestre Delma Pacheco Sicsu**

Aprovado em: /03/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^o(a).

Prof^o(a).

Prof^o(a).

DEDICATÓRIA

Não há exemplo maior de dedicação do que o da nossa família. Á minha querida família, que tanto admiro, dedico o resultado do esforço ao longo deste percurso

O espírito sem limites é o maior tesouro do homem.

J.K. Rowling

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o processo de criação e produção do presente trabalho.

A Ana Caroliny que desde do 1º Período me acompanha, agradeço por tudo.

A Profª Me. Delma Pacheco Sicsú por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação.

A Valmira Sarmiento agradeço pela amizade e pela contribuição na produção deste trabalho.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma para a finalização do presente trabalho, agradeço todos vocês de coração.

RESUMO

Este trabalho abordou a importância do uso das TIC'S na educação rural, buscando compreender a maneira como os educadores e educandos utilizaram das tecnologias em meio a pandemia que assolou o mundo, causando rupturas em vários setores das sociedades incluindo na educação. Para tal a pesquisa teve como objetivo geral analisar se os alunos conseguiram adquirir algum conhecimento mediante ao Ensino Remoto, metodologia criada para contornar a covid 19 para que assim os alunos não perdessem o ano letivo. A metodologia utilizada para produção deste trabalho é de cunho bibliográfico buscando possíveis respostas para o fenômeno investigado, recorrendo aos procedimentos científicos intensivos, procurando interpretar os fatos inseridos nas ações do professor por meio de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Os resultados demonstram que as TICs são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem da atualidade, haja vista que os alunos estão em constante contato com as tecnologias dentro e fora da escola, sendo assim, elas auxiliam em uma melhor contextualização das aulas, nas relações entre a teoria e a prática. O uso das TICs pelos professores, como recurso no processo de educação, deve servir de inovação pedagógica, mas para que isso ocorra, é fundamental que o professor tenha conhecimento sobre as possibilidades do recurso tecnológico, para utilizá-lo como instrumento de aprendizagem.

Palavras Chaves: Formação, Tecnologia da Informação, Ensino Remoto e Educação

ABSTRACT

This research addressed the importance of the use of ICTs in rural education, seeking to understand the way in which educators and students used technologies in the midst of the pandemic that ravaged the world, causing disruptions in various sectors of societies, including education. To this end, the research had the general objective of analyzing whether students were able to acquire some knowledge through Remote Teaching, a methodology created to circumvent covid 19 so that students do not miss the school year. The methodology used to produce this work is of a bibliographic nature, seeking possible answers to the investigated phenomenon, resorting to intensive scientific procedures, seeking to interpret the facts inserted in the teacher's actions through qualitative research, of an exploratory nature. The results demonstrate that ICTs are fundamental in the current teaching and learning process, given that students are in constant contact with technologies inside and outside the school, therefore, they help in a better contextualization of classes, in the relationship between theory and practice. The use of ICTs by teachers, as a resource in the education process, must serve as a pedagogical innovation, but for this to occur, it is essential that the teacher has knowledge about the possibilities of the technological resource, to use it as a learning instrument.

Keywords: Training, Information Technology, Remote Learning and Education

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. ABORDAGEM TEÓRICA.....	12
2.1.A ORIGENS DAS TICS:.....	12
2.2. O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA.....	18
2.3 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO TECNOLÓGICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.	29
3. METODOLOGIA	36
4. ANÁLISE E RESULTADOS	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICE.....	54

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o uso de tecnologias na Educação é crucial, uma vez que elas são essenciais em todos os setores do campo educacional. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) desempenham um papel fundamental em nossas vidas, pois têm causado mudanças significativas em diversos aspectos e, é indispensável a utilização das mesmas agregando mais qualidade no trabalho na área da Educação.

Chama-se atenção para o século XXI, período altamente marcado pelo avanço das tecnologia de ponta e pelas nascentes digitais que já adentram o mundo nesse contexto tecnológico. Diante disso, pode se dizer que as futuras gerações vão se beneficiar mais e mais com toda essa tecnologia que estamos vivenciando.

E quando tratamos de Tics estamos falando das inúmeras possibilidades de uso dessas ferramentas para nos informarmos e nos comunicarmos com as pessoas. Por isso, quanto mais se tem acesso a essas novas tecnologias, maior também será essa aproximação de conexão com o mundo.

E qual a importância dessas ferramentas no contexto educacional? Elas são de suma importância, pois servem de apoio ao educador e ao educando, contribuindo para potencializar, de forma eficaz, o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, é muito importante o educador perceber essa relação, mas lembrando que ela não irá fazer tudo sozinha, pois não basta ter apenas a tecnologia é preciso compreender que ela deve ser usada de forma responsável e com vistas a contribuir efetivamente no processo de ensino aprendizagem. Além do que, se bem usada a tecnologia pode contribuir para melhor assimilação dos conteúdos de uma forma mais prazerosa e mais dinâmica

Durante a pandemia de Covid-19, os professores tiveram que adaptar sua metodologia de ensino para garantir que os alunos não perdessem conteúdo. Nesse sentido, o ensino remoto foi uma alternativa utilizada para minimizar os impactos causados pela pandemia. É importante destacar a diferença entre o ensino remoto e o ensino a distância (EAD), embora sejam semelhantes, ambos representam uma forma de educação mediada pela tecnologia digital (GARCIA et al., 2020). Enquanto a EAD se manifesta como uma modalidade de ensino complexa, tendo sua própria legislação o ensino remoto se caracteriza emergencialmente para contornar a pandemia, deixando de ser temporariamente presencial passando a ser remoto.

O ensino remoto passa a ser uma alternativa criada pela secretaria de educação, onde é adotada por diversas modalidade e níveis educacionais, para assim garantir a continuidade do processo de ensino- aprendizagem que foi prejudicado pela necessidade que houve de um isolamento social afim de que pudéssemos minimizar a contaminação do vírus causador da

Covid19. E dentro desse contexto que a expressão “Ensino Remoto de Emergência” surgiu como uma alternativa comum usada por professores online.

O foco dessa pesquisa é no Ensino Tecnológico de uma determinada escola da zona rural de Parintins, onde se busca mostrar a importância que as tics têm na vida desses alunos e professores que moram na localidade, tocando nas dificuldades que os mesmos enfrentam com a falta de manutenção dos equipamentos e da internet ou até mesmo de um professor formado em Letras, pois na maioria das escolas que atuam na zona rural (ensino tecnológico) não possuem professores formados em língua portuguesa para orientá-los. A utilização dessas ferramentas contribui para o desenvolvimento social, econômico, cultural e intelectual de cada indivíduo, porém é fundamental que o professor tenha conhecimento sobre as possibilidades que a tecnologia traz para assim utilizá-la de maneira correta como instrumento de aprendizagem.

O trabalho foi realizado com alunos do 2º ano do ensino tecnológico de uma escola da zona rural de Parintins com o intuito de analisar se as tecnologias utilizadas pelos professores como ferramenta pedagógica contribuem para que os alunos adquiram conhecimento.

Para encontrarmos respostas ao objetivo geral trabalhamos com objetivos mais específicos para dessa forma definir se a escola estudada investiu na preparação do educador pois eles precisam estar aptos a utilizar as tecnologias. O seguinte trabalho buscou analisar a contribuição que as tics trouxeram para os alunos do 2º ano do ensino tecnológico de uma escola da zona rural de Parintins, localizada na região do rio Uaicurapá, e como se deu a utilização da mesma em momento de pandemia.

Apesar das dificuldades enfrentadas no ensino remoto mediado pelas TICs, é crucial que os estudantes continuem seus estudos. Nesse sentido, o professor precisa criar uma metodologia eficiente para incentivar o aluno a compreender o conteúdo e superar as dificuldades de aprendizado, fechando assim as lacunas existentes em sua compreensão.

O presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira seção encontra-se o referencial teórico que serviu de suporte para esta pesquisa, nela discorre-se a respeito do contexto histórico e da evolução da tecnologia e como proporciona mais compreensão sobre seu surgimento. Na segunda seção encontra-se o percurso metodológico da pesquisa, destacando que a mesma foi realizada em uma escola estadual da zona rural de Parintins. Na terceira seção apresenta-se os resultados e discussões dos dados coletados. O trabalho é finalizado com as considerações finais em relação ao resultado da presente pesquisa.

2. ABORDAGEM TEÓRICA

O referencial teórico foi organizado em sessões que discutem acerca do objeto deste estudo. Assim, o referencial teórico foi distribuído nos seguintes tópicos: A origem das tics; O ensino remoto na pandemia; A importância do letramento tecnológico nas aulas de língua portuguesa; Contextualização do ensino em escolas no campo.

2.1.A ORIGENS DAS TICS:

Atualmente a palavra tecnologia nos remete a modernidade, a ferramenta digital e outras tecnológicas de ponta ou avançada, porém é preciso voltar no tempo para exemplificar como surgiu o conceito de tecnologia que conhecemos hoje.

Segundo Ferreira (2004 *apud* SILVA; MENDANHA, 2014), “a palavra tecnologia é um conjunto de conhecimentos, princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade”.

Na área da educação pode-se usufruir das tics dando pulos entre a qualidade e a criatividade, tudo em torno de uma nova maneira de ver este “mundo” e isto irá fortalecer desde a educação básica às pesquisas científicas, passando pelo ensino a distância (EAD) e pelo ensino remoto.

O uso das tecnologias digitais como computadores, projetores multimídia, tablets e até mesmo celulares, ganham cada dia mais espaço na sociedade em geral. Tais ferramentas ganham ainda mais expressão quando estão relacionadas ao uso da internet, uma vez que em praticamente todas as ações da sociedade moderna estão relacionadas o uso de tal ferramenta. (OLIVEIRA, 2018, p. 11). No Brasil, somente a partir em 1996 as TICs se tornaram uma realidade nas escolas públicas e privadas, dando início a uma ação concreta nas esferas municipais, estaduais e federais, através de programas que são voltados para inclusão digital, entre eles o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO)¹. (LEITE; RIBEIRO, 2012 *apud* SOUSA, 2020, p. 16).

Esse programa apoiava a ampliação e a utilização da informática nos ensinamentos do antigo segundo grau. E a partir daí deu-se a continuidade, para que a tecnologia fizesse parte dos

¹ O Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) é um programa do Governo Federal do Brasil criado em 1997 pelo Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de promover o uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC) na educação básica. O PROINFO busca desenvolver competências e habilidades nos estudantes e professores, tornando-os capazes de usar a tecnologia de forma crítica e criativa. O programa oferece formação de professores para o uso das TIC em sala de aula, disponibiliza recursos educacionais digitais, como softwares e aplicativos, além de equipamentos como computadores, tablets e lousas digitais. O PROINFO também investe na conectividade das escolas, promovendo a instalação de infraestrutura de rede de dados e internet banda larga (BASNAK; SOARES, 2016 *apud* SOUSA, 2020).

ambientes escolares dentre outros, de forma a atender todas as necessidades dos vários setores, com capacitação de professores e técnicos.

As origens das Tecnologias da Informação e Comunicação têm como base o termo "ciência da computação", que foi cunhado na França, em 1962, como *informatique*. Foi formado a partir da conjunção das palavras *informação* e *automatique*, para dar uma ideia da automatização da informação que se consegue com os sistemas informáticos. Ao investigar a história da informação, verificou-se que a codificação de ponto e traço emergiu do telégrafo. Então foi inventado o telefone, no qual os sinais eram transmitidos graças às correntes elétricas. A união entre símbolos e sinais foi feita na teoria da informação, desenvolvida inicialmente pelo matemático norte-americano Norbert Wiener.

Em sua obra *Cibernética ou controle e comunicação em animais e máquinas*, ele apresentou uma formalização de uma teoria geral de sistemas de controle tecnológico ou cibernética e introduz a noção de feedback. Mais tarde, o matemático americano Claude Shannon, em seu trabalho intitulado *Teoria Matemática da Comunicação*, forneceu definições abstratas dos componentes de um sistema de comunicação (fonte, transmissor, canal, receptor e destino) e teoremas gerais sobre os limites teóricos do fluxo de informação através do canal sujeito a ruído. Dessa forma, estabeleceu-se uma medida da quantidade de informação que mais tarde seria universalmente chamada de bit (dígito binário) (GUIMARÃES; RIBEIRO, 2017).

A teoria da informação vem progredindo graças ao desenvolvimento de técnicas de codificação binária e à invenção de uma álgebra lógica pelo matemático e filósofo britânico George Boole. Vale dizer que o inventor do código binário foi o filósofo inglês Francis Bacon que discutiu um sistema segundo o qual as letras do alfabeto poderiam ser reduzidas a sequências de dígitos binários. Um dos primeiros usos do código binário foi no tear mecânico inventado pelo francês Joseph Marie Jacquard, que influenciou o matemático britânico Charles Babbage, que construiu um quadro de cifra. Ambas as invenções foram baseadas no princípio da programação binária e de cartões perfurados (MARTINS, 2021).

Com a chegada da máquina de Turing, os fundamentos e limites da lógica foram refletidos para resolver problemas lógicos e matemáticos, formulados em termos de algoritmos. Depois vieram os computadores, nos quais os programas podiam ser armazenados na memória sem a necessidade de modificar suas instalações internas cada vez que um programa era executado (MOREIRA; MORATO, 2020)

A teoria da informação vem progredindo graças ao desenvolvimento de técnicas de codificação binária e à invenção de uma álgebra lógica pelo matemático e filósofo britânico George Boole. Vale dizer que o inventor do código binário foi o filósofo inglês Francis Bacon,

que discutiu um sistema segundo o qual as letras do alfabeto poderiam ser reduzidas a sequências de dígitos binários. Um dos primeiros usos do código binário foi no tear mecânico inventado pelo francês Joseph Marie Jacquard que influenciou o matemático britânico Charles Babbage, que construiu um quadro de cifra. Ambas as invenções foram baseadas no princípio da programação binária e de cartões perfurados (MARTINS, 2021).

Com a chegada da máquina de Turing², os fundamentos e limites da lógica foram refletidos para resolver problemas lógicos e matemáticos, formulados em termos de algoritmos. Depois vieram os computadores, nos quais os programas podiam ser armazenados na memória sem a necessidade de modificar suas instalações internas cada vez que um programa era executado (MOREIRA; MORATO, 2020)

Conforme Silva, Biessimo e Lunardi (2016), na literatura sobre informatização foi possível identificar imagens que vinculavam a informatização e as mudanças sociais em larga escala, como a sociedade da informação, o trabalhador do conhecimento, a máquina inteligente e a autoestrada da informação. O futurista americano Alvin Toffler, em sua obra *The Third Wave*, postula a visão de que as transformações sociais se devem basicamente ao desenvolvimento tecnológico e que este, por sua vez, mudaria as condições de vida das pessoas independentemente das condições sociais e econômicas. O biólogo e futurista alemão Tom Stonier apontou, em seu artigo de 1983 *The Wealth of Information: A Profile of the Post-Industrial Economy*, que a riqueza da informação fornecerá não apenas a informação sobre como ganhar a vida, mas também como sobreviver.

Guimarães e Ribeiro (2017) destacam que o antiutopismo tecnológico cataloga a tecnologia como uma forma de degradação da sociedade e um meio pelo qual governos tirânicos mantêm o poder. Tal panorama é claramente visualizado nas obras dos escritores britânicos George Orwell e Aldous Huxley e do antropólogo americano Bryan Pfaffenberger. A primeira, na obra *The Road to Wigan Pier*, mostra mundos e civilizações futuros dominados por regimes totalitários que exerceram controle sobre seus cidadãos. A segunda, em *Admirável Mundo Novo*, apresenta uma sociedade altamente tecnológica que utiliza todos os meios para condicionar e controlar as massas, a fim de alcançar a estabilidade social; as crianças não nascem, são feitas e são geneticamente manipuladas para pertencer a uma das cinco categorias da população: Alfa (a mais inteligente), Beta, Gama, Delta e Epsilon (a menos intelectual). Por

² A máquina de Turing é um modelo matemático desenvolvido por Alan Turing em 1936, que se tornou um dos pilares da teoria da computação. A máquina de Turing é um dispositivo teórico que consiste em uma fita infinita dividida em células, em que cada célula pode conter um símbolo, e um cabeçote que pode ler e escrever nos símbolos da fita. A máquina de Turing é capaz de processar informações de acordo com um conjunto de regras determinadas, permitindo a resolução de problemas matemáticos e lógicos.

sua vez, Pfaffenberger, em *The Social Anthropology of Technology*, aponta que as sociedades são o resultado da construção de sistemas sociotecnológicos e que seus construtores (designers, engenheiros, empresários, políticos, publicitários, usuários) utilizam elementos de seu mundo social e cultural para construir artefatos que exigem a criação, modificação e troca não apenas de cabos, interfaces ou bancos de dados, mas também a elaboração de interpretações. Para que são necessários? Como funcionam? E por que suas inovações são valiosas dentro das sociedades?

Voltando aos cinco gêneros, encontramos o realismo social, que se caracteriza por um gênero que utiliza dados empíricos baseados em observações sobre as realidades sociais em que as tecnologias serão utilizadas. O gênero do realismo social tem sido caracterizado pelos melhores esforços dos autores para comunicar sua visão de informatização com base em relatórios empíricos detalhados. O outro gênero é a teoria social, que desenvolve ou testa conceitos e teorias que transcendem situações específicas. O gênero final é a redução analítica, onde a pesquisa social sobre informatização está engajada dentro de estruturas conceituais de análise firmemente definidas. Alguns conceitos são identificados, ora derivados da teoria ou extraídos de um conjunto de estudos e examinados nos novos cenários. O gênero é chamado de “redução” porque os autores reduzem seus relatos sobre o cenário social e as tecnologias em alguns elementos (MARTINS, 2021).

Segundo Moreira e Morato (2020), o termo "comunicação" vem da palavra latina *communicare*, que significa transmitir ou compartilhar algo, colocar duas ou mais pessoas conectadas. Por esse motivo, a comunicação é um processo de interação social por meio de relações e influências de símbolos e sistemas de mensagens (texto, imagens, gráficos, voz, vídeo, entre outros) que ocorrem como parte das atividades psicológicas humanas em seus fatores econômicos, políticos, social e cultural.

A comunicação é um modelo conceitual simples de um sistema funcional produtivo da atividade humana, que proporciona um processo dinâmico do qual emanam, conforme a construção de mensagens e funções linguísticas, símbolos codificados que são enviados de um transmissor, por meio de um canal, em direção a um receptor (SANTOS, 2019).

No que diz respeito às diferentes fases da história, estas costumam ser rotuladas com nomes que procuram captar a característica que mais as distingue; assim, as idades do cobre ou do ferro foram designadas como a revolução neolítica, na medida em que transformou o modo de vida humano, que passou de nômade a sedentário e de uma economia de coleta (caça, pesca) a uma economia de produção (agricultura, pecuária). O Renascimento é considerado o período de desenvolvimento científico, artístico e literário, pois notáveis invenções foram produzidas

como resultado da proliferação de novas ideias. A *Reforma* é lembrada como a passagem da rebelião para a liberdade de consciência, tolerância e igualdade de preceitos clericais, pois era possível duvidar, expressar opiniões, interpretar e traduzir os livros sagrados. O Iluminismo ou a própria Revolução Industrial são apontados como a mudança ideológica orientada para o desejo de liberdade e igualdade, e o deslocamento massivo de camponeses para as cidades para trabalhar nas fábricas como assalariados, na gestão de máquinas movidas pela força hidráulica, vapor ou energia elétrica, para gerar produção, deslocamento e comunicação (SILVA, 2018).

O mundo contemporâneo caracterizou-se como de revolução e de transformação da sociedade, pois provocou surtos inovadores nas esferas social, econômica e política, devido às contínuas guerras provocadas pelo poder. E o tempo do século XXI é descrito como o da perplexidade informada dos eventos emergentes ou eventos futuros, devido ao aumento das possibilidades de interação não só dos indivíduos entre si, mas também dos indivíduos com computadores e estes com os indivíduos.

Nunca antes como agora o ser humano administrou sistemas de comunicação tão variados. Hoje você pode escolher desde a mídia que ainda usa mensageiros até aquelas que usam satélites. As sociedades pré-industriais, nas quais predominavam as atividades primárias (agricultura, pecuária, pesca etc.) e cujas populações eram relativamente pequenas e autossuficientes no atendimento de suas necessidades básicas, tinham muito pouca troca de bens (SILVA; BILESSIMO; LUNARDI, 2016).

A industrialização, acompanhada de importantes processos migratórios do campo para a cidade e o crescimento dos grandes centros urbanos, caracterizou-se pela produção massiva e transferência de mercadorias. Por isso, as sociedades industriais dependem basicamente do desenvolvimento de meios de comunicação que aproximem os centros de produção e consumo e os centros de troca. Observando a segunda metade do século 20, descobriu-se que os países industrializados economicamente mais desenvolvidos experimentaram um crescimento considerável em seus setores de serviços. Nelas, sem deixar de ser importante o trânsito de pessoas e bens, as tecnologias de comunicação são cada vez mais estratégicas.

As formas e meios que os seres humanos inventaram e utilizaram para se comunicar sempre estiveram intimamente relacionados ao desenvolvimento econômico, sociocultural, político, científico e tecnológico da humanidade. Durante um longo e importante período da história, o correio foi inigualável como meio de comunicação. Foi preciso que o ser humano descobrisse, compreendesse e tirasse proveito de muitos fenômenos elementares da física para que surgissem sistemas concorrentes de correio postal.

Assim, segundo Silva (2018), durante o século XIX, os avanços tecnológicos alcançados na época deram origem, primeiro, ao telégrafo e, posteriormente, ao telefone. Este último, por suas características de velocidade, confiabilidade, bidirecionalidade e privacidade, foi ganhando espaço sobre as demais mídias e se tornando o sistema predominante em todo o planeta hoje. No século atual, surgiram um grande número e variedade de opções de comunicação adicionais. Entre os sistemas ponto a ponto, temos correio eletrônico, telefones celulares, redes de computadores, etc. Por outro lado, sistemas de comunicação ponto-multiponto, como rádio e televisão, têm sido realizados em paralelo.

Cabe destacar que as tecnologias de comunicação giram em três fases, a saber: a primeira é a era do cabo, que vai de 1844 a 1900; a segunda vai de 1900 a 1980 e é chamada de era da transmissão sem fio e a terceira é chamada de era das redes digitais integradas, cujo tempo corresponde entre 1980 até hoje. No que diz respeito às estruturas sociais, demográficas e econômicas, creio que têm tido uma influência qualitativa e quantitativa na procura e oferta de serviços de comunicação, bem como na cobertura dos novos meios de comunicação (revistas, imprensa, rádio, televisão, internet), sistemas (com fio, sem fio) e componentes (contexto, emissor, mensagem, meio, receptor, feedback) de comunicação (SANTOS, 2019).

Ao fazer uma leitura ampla dos diferentes conceitos dados pelos diferentes autores lidos, pode-se chegar a uma definição do que vem ser TIC: é o conjunto de ferramentas, suportes e canais desenvolvidos e apoiados por tecnologias (telecomunicações, informática, programas, computadores e Internet) que permitem a aquisição, produção, armazenamento, tratamento, comunicação, gravação e apresentação de informações, sob a forma de voz, imagens e dados, contidas em sinais de natureza acústica, óptica ou eletromagnética para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

As TICs começaram com a chamada sociedade da informação e têm desempenhado um papel decisivo na mudança do dinamismo social, cultural e econômico. Na verdade, elas são consideradas como um autêntico ressonante da revolução da comunicação e da informação, por ir além da linguagem oral, que representa a chamada cultura auditiva, voltada principalmente para os fatos da vida cotidiana no aqui e agora, escrita que, por meio de signos gráficos, pode transcrever o que é falado e ser preservado ao longo do tempo; a imprensa, que é o meio de expansão do conhecimento que possibilita a crescente alfabetização geral que repercute no social, cultural, político e econômico, e até mesmo das novas tecnologias, que alcançaram a reprodução e expansão do som e da imagem por meio de múltiplas mídias como rádio, televisão, vídeo, computador, etc. (SANTOS, 2019).

Pode-se dizer sem tropeçar que a principal característica das TIC é que seu funcionamento se baseia no processo de digitalização. De fato, as TICs estão imersas em atividades econômicas e usos sociais de tal forma que se posicionam como o eixo de interação e desenvolvimento massivo entre a tecnologia e a sociedade do conhecimento, que lançaram as bases para uma mudança substancial em uma terceira revolução industrial ; ou seja, as relações econômicas e sociais do mundo globalizado onde as barreiras culturais e religiosas já não existem e estão superando a capacidade de surpresa da privacidade e do conceito da realidade do ambiente em que se vive.

2.2. O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA

O Brasil assim como em diversos países enfrentou e ainda enfrenta uma série de consequências causadas pela pandemia da Covid19, doença essa causada pela corona vírus que assolou o mundo no início ano de 2022. Causando uma crise respiratória mundialmente grave que dizimou várias pessoas em cada país. (BRASIL 2020).

Assim como todo o sistema que entrou em colapso incluindo a educação, na qual não foi diferente, depois do surto de covid pelo país as aulas presenciais foram todas canceladas para assim evitar mais contaminações. Alunos de todos os estados ficaram fora de sala de aula, fazendo com que esses alunos perdessem conteúdo. Para contornar essa situação a secretaria da educação elaborou um novo formato escolar para ajudar nessa questão, esse formato ficou conhecido por “Ensino Remoto Emergencial”.

Assim, foram distribuídos tantos na zona rural quanto na urbana materiais impressos para que cada aluno viesse a participar das aulas que seriam transmitidas pela tv aberta e pelas ondas do rádio. Para Behar (2020), o Ensino Remoto e uma modalidade de ensino que foi criado para suprir a necessidade do professor em sala de aula. A pesquisadora ainda completa dizendo:

O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem as instituições de ensino, para evitar a disseminação do vírus. E emergencial porquê do dia pra noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado (BEHAR,2020, s.n.)

Cordeiro (2020) afirma que o reaprender tornou-se um desafio para os professores em meio ao isolamento social que houve no país decorrente da pandemia. Então como consequência desse mal que assolou o mundo os professores tiveram que se reinventar, ou seja, inovar para assim poderem dar aulas a distância através do ensino remoto, fazendo com que os alunos vivenciassem novas formas de aprender sem terem o contato presencial com professor.

De forma emergencial e com pouco tempo de planejamento e discussões (o que levaria meses em situação normal, professores e gestores escolares, público e privado, da educação básica a superior, tiveram que adaptar em tempo real o currículo, atividades, conteúdos e aulas como um todo, que foram projetadas para uma experiência pessoal e presencial (mesmo que semi presencial), e transformados em um ensino remoto emergencial e totalmente experimental. Nesse processo, pode-se afirmar que nunca houve educação tão inovadora como a da era digital, sendo a transformação mais rápida de que se há notícias em um setor inteiro (TOMAZINHO, 2020, s/p.).

A pandemia trouxe um grande impacto social, pois não só a escola, mas também as famílias tiveram que se adaptar para assim acompanharem as aulas remotas juntos dos alunos. a pandemia da COVID-19 trouxe muitos desafios para a educação em todo o mundo e, conseqüentemente, exigiu uma ampla reflexão sobre o papel dos professores, escolas e da educação em geral na formação do ser humano. Com as escolas fechadas e as aulas sendo realizadas remotamente, muitas questões se tornaram evidentes, como a importância do papel do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem, a necessidade de adaptação e uso de novas tecnologias para viabilizar a educação a distância, a importância da escola como espaço de socialização e formação integral do indivíduo, entre outras (SOUZA 2020).

A pandemia evidenciou também as desigualdades sociais e educacionais existentes em muitos países, mostrando que nem todos os estudantes têm acesso às mesmas oportunidades educacionais, equipamentos e conectividade para acompanhar as aulas remotas. Isso trouxe à tona a necessidade de repensar e buscar soluções para essas desigualdades, além de promover a inclusão digital e garantir que todos os estudantes tenham acesso à educação de qualidade.

Diante desses desafios, a pandemia serviu como um momento de reflexão para repensar e inovar os modelos de ensino e aprendizagem, fortalecer a formação continuada dos professores, promover a inclusão e buscar soluções para as desigualdades educacionais, para que a educação possa desempenhar de fato seu papel na formação integral do ser humano.

Visando que muitas vezes a escola se encontra sobrecarregada com a reponsabilidade da formação do ser na sociedade, sendo que a formação desse indivíduo esta não somente com a escola e os professores, mais sim com a família, ela sim e a base onde os professores e a escola continuam com o trabalho da formação. No que se refere ao educador. Freire 2011 diz:

Percebe-se, assim a importância do papel do educador, mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas ensinar a pensar certo (FREIRE, 2011, p. 28)

Freire destaca a importância do papel do educador em não apenas transmitir conhecimentos aos estudantes, mas também ensiná-los a pensar de maneira correta. Essa é uma

tarefa crucial para a formação integral dos alunos, já que a capacidade de pensar de maneira crítica e reflexiva é essencial não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para a vida em sociedade. Ao ensinar a pensar de maneira correta, o educador está contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas como análise, síntese, avaliação e tomada de decisões. Essas habilidades são fundamentais para a formação de cidadãos críticos e atuantes, capazes de compreender o mundo ao seu redor, questionar o status quo e propor soluções para os problemas que enfrentamos.

Assim, a Freire destaca a importância do papel do educador não apenas como um transmissor de conhecimentos, mas como um agente de transformação, capaz de contribuir para a formação de indivíduos críticos e reflexivos.

Portanto concordamos com Cordeiro (2020 apud SOUZA, 2020, p.24) que afirma:

O interessante é que muitas famílias estão acompanhando os filhos neste momento de pandemia, tendo nas mãos a possibilidade de compreender a importância do seu papel na educação deles, e ainda de valorizar o professor que não mede esforços no sentido de colaborar de forma incisiva para que as crianças sejam motivadas a não desistirem dos estudos apesar de todas as dificuldades.

A citação destaca um aspecto positivo da pandemia, que é o envolvimento das famílias na educação dos filhos, especialmente com as aulas ocorrendo em casa. Com a necessidade de acompanhar e auxiliar os filhos nas atividades escolares, muitas famílias estão tendo a oportunidade de compreender melhor a importância do seu papel na educação, e de perceber o esforço e dedicação dos professores para garantir que os estudantes continuem aprendendo mesmo em meio às dificuldades impostas pela pandemia.

Essa valorização do papel do professor é essencial, já que o trabalho do educador é fundamental para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Os professores têm se desdobrado para adaptar as aulas e as atividades para o ensino remoto, buscando manter a motivação dos alunos e garantindo que eles continuem aprendendo mesmo em um contexto de incertezas e mudanças constantes. Assim, a valorização do trabalho do professor, aliada ao envolvimento das famílias na educação dos filhos, pode contribuir para fortalecer o processo educativo e promover o sucesso escolar dos estudantes.

Dessem e Polonia (2007, apud SOUZA,2020, p.24) reforçam que a família e a escola emergem como instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsora do seu crescimento físico, emocional e social.

Para Cordeiro (*apud*. SOUZA, 2020, p. 25):

Toda crise é uma oportunidade de aprendermos algo novo e a única certeza é que o mundo vai ser diferente depois da pandemia. Espera-se que, depois da covid19 a educação volte em sua melhor forma, pois essa crise serviu para ensinar aos indivíduos novos métodos de se ensinar

Dessa maneira, torna-se possível que na volta do ensino presencial haja alguma mudança no ensino modo tecnológico, tendo o uso melhorado do monitor, internet e o professor mediador.

Assim, no contexto de pandemia, as TICs ganharam cada vez mais espaço no âmbito educativo, pois com o isolamento social fez com que a escola e os educadores buscassem com rapidez, se apropriar das tecnologias como ferramentas pedagógicas necessárias para efetuar o desenvolvimento das aulas, seja nas atividades síncronas como assíncronas. (SOUSA, 2020, p. 23).

Como reforça Dutra (2020 *apud* SOUSA, 2020, p. 23), na comunicação síncrona³, o emissor e o receptor estão em um estado de sincronia, ou seja, em tempo real, durante a transmissão. Enquanto na comunicação assíncrona⁴, as atividades são acompanhadas pelo estudante independente do horário ou local.

Dentro dessa perspectiva para que assim sejam realizadas as atividades de maneira remota a escola deve respeitar a carga horária e o planejamento de conteúdos pactuados em modo presencial. Portanto para que ocorra um melhor aproveitamento escolar, adaptações terão que ser realizadas, podendo haver a adoção do uso de aplicativos e ao demais instrumentos tecnológicos de comunicação e interação (SAE DIGITAL, online,2020)

Porém são diversos os motivos que afastam os alunos desse ambiente virtual na qual fora imposto pela Covid19, para a educação isto torna-se bem preocupante. Sendo que o principal motivo é o desenvolvimento da região onde vivem.

Descoberta pela primeira vez em dezembro de 2019, a pandemia do COVID-19 afetou setores como negócios, turismo e educação de países de todo o mundo. Particularmente relevante e significativo para este capítulo é como os educadores estão lidando com o ensino

³ "síncrona" fem. sing. de síncrono (grego *súgkhronos*, -ou, contemporâneo), adjetivo: 1. Que se realiza ao mesmo tempo que outro (ex.: a plataforma permite acesso síncrono aos dados) = SIMULTÂNEO. 2. Que ocorre em tempo real e no mesmo período (ex.: aulas síncronas). "síncrona", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/s%C3%ADncrona>

⁴ "assíncrona" fem. sing. de assíncrono, (a- + síncrono). Adjetivo: 1. Que não se realiza ao mesmo tempo que outro (ex.: eventos assíncronos). ≠ SIMULTÂNEO. 2. Que não ocorre em tempo real (ex.: aulas assíncronas). Sinônimo Geral: ASSINCRÔNICO. "assíncrona" in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/ass%C3%ADncrona>.

totalmente online; para alguns educadores, o ensino totalmente online acontece pela primeira vez na vida. No Brasil, o cenário educacional mudou para sempre. Com o novo normal de ensino e aprendizagem, as escolas de educação básica, em conjunto com as instituições de ensino superior, deparam-se com enormes tarefas para garantir que os alunos adquirissem os conhecimentos que foram organizados para os seus níveis em conformidade (CAMINI; FREITAS, 2022).

O Ensino Remoto de Emergência (ERE) é definido como uma mudança intermediária repentina da entrega de instrução presencial para a on-line; ao contrário dos cursos online que foram inicialmente planejados e projetados para serem entregues virtualmente. O ERE inclui a exploração de ferramentas de ensino remoto disponíveis para entregar o currículo ou materiais educacionais que normalmente seriam entregues fisicamente. Portanto, devido à urgência e prioridade máxima, fornece acesso confiável, temporário, rápido e durável à instrução e aos auxílios educacionais durante a crise, o ERE seria mais eficiente do que reconstruir um ecossistema educacional sofisticado (TEIXEIRA; NASCIMENTO, 2021).

Antes do impacto da pandemia, alunos e educadores usavam seu tempo online para socializar (não necessariamente juntos), tinham seus próprios espaços pessoais de aprendizagem que podiam ser formais ou informais, formas de encontrar conteúdo para atender necessidades de aprendizagem de curto prazo, escolha própria de equipamentos, ferramentas, aplicativos e preferências de comunicação. Com o surgimento da ERE, graves desafios se apresentaram no setor educacional visto a partir de três perspectivas: educador, alunos e conteúdo. Os educadores devem estar equipados com as ferramentas necessárias para um método de ERE eficiente, devem também alcançar a criatividade pedagógica para envolver os alunos e, mais importante, estimulá-los na aprendizagem. Enquanto isso, eles também devem se concentrar em habilidades técnicas para o ERE.

Os alunos devem ter as habilidades de aprendizagem independentes necessárias, a eficácia para se comunicar de forma eficaz e buscar orientação quando necessário. Através da aprendizagem online, eles devem alcançar a capacidade de conversar e interagir com outra pessoa onde a maioria deles se depara com o método convencional de ensino. Eles também devem se adaptar à nova estratégia de avaliação proposta e isso é para seu próprio benefício. Embora o conteúdo possa ser adquirido prontamente e em um formato padrão acessível aos alunos, deve ser um meio apropriado e incentivar o autoestudo com orientação precisa sempre que possível.

Pesquisas anteriores sobre ensino on-line e ensino remoto de emergência estão incluídas para fornecer informações críticas sobre quais devem ser os papéis dos educadores durante esse

surto de COVID-19. Argumenta-se que o ensino remoto emergencial não deve ser equiparado ao ensino online (totalmente), considerando as diferenças em suas abordagens educacionais. Além disso, a chave crítica para diferenciar os dois é o tempo insuficiente para planejar adequadamente a transformação do currículo; o ensino remoto de emergência não tem o luxo de planejar.

A eficácia e as desvantagens do ensino e aprendizagem online, ou simplesmente educação online, são debatidas há décadas. Acadêmicos de todo o mundo analisaram vários estudos de pesquisa, teorias, modelos, padrões e critérios de avaliação, que se concentram na aprendizagem on-line de qualidade, no ensino on-line e no design de cursos on-line. De acordo com Jesus (2021), a educação online, que inclui ensino e aprendizagem online, pode ser usada para se referir a “uma ampla gama de programas que usam a Internet para fornecer materiais instrucionais e facilitar interações entre professores e alunos e, em alguns casos, também entre alunos. Assim, a educação on-line pode ser totalmente on-line, com todas as instruções ocorrendo através da Internet, ou elementos on-line podem ser combinados com sessões presenciais conhecidas como blended learning.

O ensino online não pode ser explicado adequadamente sem as discussões sobre aprendizagem online. Isso ocorre porque os dois dependem um do outro; portanto, aspectos críticos da aprendizagem online também serão destacados. Por exemplo, Melim e Moraes (2021) encontraram em seu estudo que, com base nos tipos de tarefas de aprendizagem e nas formas de informação de feedback, a aprendizagem online pode ser dividida em três categorias principais: (a) aprendizagem supervisionada online onde a informação completa de feedback está sempre disponível, (b) aprendizagem online aprendizagem com feedback limitado, e (c) aprendizagem online não supervisionada onde não há feedback disponível. O que Lima e Neto (2021) sugerem é que a presença de educadores online pode ser baseada na quantidade de assistência necessária pelos alunos. Além disso, Magalhães (2021) explorou as opções de design de aprendizagem online listando várias variáveis moderadoras, incluindo papéis de alunos e educadores, bem como a proporção de alunos durante as aulas online.

Em primeiro lugar, a educação on-line para ensino e aprendizagem exigiria um planejamento cuidadoso para garantir que os currículos sejam entregues de forma eficaz e que alunos e educadores possam trabalhar on-line de forma síncrona ou assíncrona. Camini e Freitas (2022) em sua pesquisa também descobriu que projetar um curso online eficaz pode levar semanas e meses. Em segundo lugar, os papéis dos alunos e educadores não são definidos; de acordo, e quando apropriado, estudantes e educadores podem negociar o que eles precisam fazer.

Além disso, de acordo com Teixeira e Nascimento (2021), a presença dos educadores em um ambiente de ensino e aprendizagem online é importante para envolver os alunos. Apesar das opções oferecidas que os educadores podem optar por ter uma presença online menor ou nula, Jesus (2021) propôs várias estratégias de facilitação que podem tornar os alunos mais motivados e interessados em seu aprendizado; estes requerem uma presença ativa e grande dos educadores online.

É evidente que, independentemente de os educadores terem pequena ou grande presença online, os alunos precisam saber que não estão sozinhos nas salas de aula virtuais. Jesus (2021) argumenta que ao escolher estar presente online pequeno ou grande, vários fatores devem ser levados em consideração, incluindo o nível de competência do aluno no curso e a disponibilidade do aluno para estar online (acesso e consumo de dados). Alguns alunos podem assumir um aprendizado mais independente on-line, e alguns podem exigir o máximo de assistência imaginável. Como Melim e Moraes (2021) afirmaram que o feedback on-line para os alunos depende da capacidade dos alunos de aprender de forma independente ou dependente.

Alguns educadores podem achar difícil realizar avaliações online durante a fase de O ensino remoto de emergência é sem dúvida um novo conceito derivado devido à pandemia. Também é sugerido ser uma das respostas educacionais ao surto de COVID-19. Quando surge a necessidade de escolaridade, o ensino remoto emergencial torna-se uma solução temporária para permitir que os alunos continuem com suas aulas. Apesar de não ter certeza do ensino remoto de emergência, os educadores precisam continuar ensinando. De acordo com Lima e Neto (2021) em seu estudo de professores envolvidos no ensino remoto de emergência, os principais achados deste estudo enfatizam vários aspectos, como a perspectiva positiva, a preocupação com os alunos e as estratégias instrucionais dos professores filipinos na implementação do ensino remoto de emergência.

Apesar das dificuldades para organizar aulas virtualmente à distância, os respondentes estavam cientes das estratégias instrucionais que poderiam ser empregadas. Na tentativa de garantir que o ensino e a aprendizagem online sejam alcançados com eficácia e sucesso, Teixeira e Nascimento (2021) propuseram uma estrutura para ensino remoto de emergência. Esses estudiosos combinaram duas estruturas – a *estrutura de Sawyer* para criar um ambiente de aprendizado e a estrutura da *comunidade de investigação* de Lima e Neto (2021) para aprendizado online – para desenvolver a estrutura do ambiente de ensino remoto de emergência. Os resultados deste estudo sugerem que os educadores precisam reafirmar sua presença online, garantindo que sejam visíveis dentro ou fora das sessões de ensino online.

Sobre o ensino remoto de emergência, Magalhães (2021) sugeriu nove aspectos que devem ser considerados na realização de avaliações online durante esta fase. Isso inclui avaliar os pré-requisitos para implementar a avaliação online; assegurar o alinhamento das atividades de avaliação com os objetivos de aprendizagem declarados; abordar a diversidade de situações dos alunos; manter um bom equilíbrio de avaliações formativas e somativas; estimular a aprendizagem dos alunos com avaliação online; considerando formato; agendamento e cronometragem dos testes; estabelecer uma comunicação aos alunos sobre as questões de avaliação; garantir feedback de alta qualidade; e abordando ameaças de validade de avaliação. Embora todos esses aspectos possam ser familiares para alguns educadores, outros podem achá-los novos, mas úteis durante esse período de crise (MAGALHÃES, 2021).

Um grupo de educadores estudados por Teixeira e Nascimento (2021) descreveu as diferenças e evoluções do ensino remoto de emergência para, eventualmente, o ensino online. O que se reitera é o fato de que o ensino remoto emergencial é uma estratégia de ensino não planejada, sendo apenas uma medida temporária. Para demonstrar ainda mais o significado do ensino remoto de emergência, Teixeira e Nascimento (2021) confirmam algumas características do ensino remoto de emergência, incluindo as expectativas em evolução dos educadores e dos alunos, e opções síncronas com assíncronas de ensino e aprendizagem.

Com base nos estudos de Magalhães (2021), pode-se concluir que quando um programa acadêmico é planejado adequadamente para ser oferecido virtualmente, ele pode ser categorizado como educação online; ensino e aprendizagem serão realizados online. O ensino remoto de emergência pode, em última análise, tornar-se ensino online, uma vez estabilizado e amadurecido; com isso, o autor argumenta que deve haver tempo adequado e adequado alocado para projetar e desenvolver os currículos, incluindo os materiais de aprendizagem, atividades e avaliações. Para resumir esta seção, tanto o ensino online quanto o ensino remoto de emergência deve ser usado em diferentes situações educacionais. O que o mundo do ensino está enfrentando agora pode ser melhor resolvido pelo ensino remoto de emergência, porque os educadores são colocados na posição de ensinar totalmente on-line sem ter tempo para planejar, projetar e selecionar as melhores ferramentas de ensino para os alunos.

Dessa forma, o cotidiano de grande parte do planeta começou a se transformar substancialmente. As restrições impostas para impedir a propagação do vírus levaram a que todo tipo de atividade social migrasse para a esfera virtual, o que facilitaria o desenvolvimento a partir da onipresença do mundo da web. Ficar em casa trabalhando em casa, estudar ou realizar todas aquelas atividades que antes envolviam algum tipo de interação social física tornou-se a

melhor opção para indivíduos que podiam continuar trabalhando em casa, enquanto outros continuavam se deslocando para seus locais de trabalho (SOARES, 2021).

Tal situação produziu um aumento na socialização virtual e, portanto, no ritmo acelerado que a vida digital tomou. Notícias, vídeos, memes e todo tipo de conteúdo disseminado pelas Redes Sociais permitiu que esse novo estilo de vida se tornasse cada vez mais promissor, que, embora estivesse se popularizando desde a década de 1990 com a expansão da internet, a explosão tecnológica, digital e informacional que provocou a pandemia fez com que é mais relevante. A partir disso, é possível afirmar que a globalização digital que se dá a partir do ano de 2020 não só estabelece novas dinâmicas sociais em todo o mundo, mas também favorece o surgimento de estratégias adaptativas para enfrentar um novo estilo de vida mediado por telas, fones de ouvido, redes sociais e uma crise crescente que perturbou tanto os indivíduos quanto os sistemas governamentais (ARAÚJO, 2021).

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm sido utilizadas nos últimos anos como recursos pedagógicos essenciais para melhorar a qualidade dos processos educacionais no Brasil. Sendo consideradas meios de apoio e pluralização do conteúdo e da base de conhecimento que são ministrados em instituições de ensino de todos os níveis acadêmicos, as TICs mudaram substancialmente a experiência de ensino-aprendizagem nas últimas décadas, pois o dinamismo que representam não só contribui para a criação de conhecimento prático, mas também reforça o modelo de ensino tradicional, promovendo o desenvolvimento de competências transversais como a comunicação, o trabalho colaborativo e a aprendizagem autónoma.

Por mais novo que isso possa parecer, é importante mencionar que o sistema utilizado pelos modelos contemporâneos de educação virtual não é totalmente novo ou desconhecido, uma vez que seus antecedentes remontam a cursos por correspondência, escolas de rádio e ensino, modalidades de ensino muito populares desde o século 20 devido à facilidade que davam aos alunos para superar as barreiras espaço-temporais. Ao incorporar tecnologias emergentes no campo da educação, esses modelos de ensino a distância ajudaram a moldar o que hoje é conhecido como educação virtual ou online, um campo que se desenvolveu visivelmente até agora no século XXI graças às TICs e à grande demanda de usuários, oferecendo uma ampla gama de possibilidades educacionais organizadas, planejadas e a preços acessíveis (VIEIRA, 2021).

Nesse sentido, é fundamental esclarecer que, embora a educação virtual carregue consigo o estigma da menor qualidade, a experiência que ela proporciona, a partir de uma instrução bem planejada, corretamente mediada pelas TIC e pelas diversas metodologias

pedagógicas que podem ser implementadas nos seus processos educativos, é muito superior ao proposto pelo modelo de Ensino Remoto de Emergência ou ERE, concebido essencialmente para lidar com curtos períodos de crise. Essa afirmação não se baseia apenas na experiência que educadores e alunos vêm compartilhando desde 2020, quando a maioria das instituições de ensino do mundo teve que migrar seu campo de atuação para o mundo virtual, mas também nas necessidades que cada modelo atende e na velocidade com que foram colocados em prática em meio ao atual contexto de pandemia. O caso do ERE, em particular, tem tido grande visibilidade por ter sido implementado por quase todas as instituições de ensino presencial para enfrentar a paralisação educacional provocada pela chegada do COVID-19, no entanto, sua falta de efetividade é um fato.

A relevância que a educação virtual adquiriu durante a situação provocada pelo surto de SARS-CoV-2, permitiu que o modelo de ensino-aprendizagem online fosse tomado como a melhor alternativa para mitigar os obstáculos trazidos pela maior interrupção dos sistemas. Devido às medidas restritivas de transitabilidade, isolamento social e fechamento de espaços públicos, tanto escolas quanto universidades foram obrigadas a incorporar definitivamente o uso das TICs no seu dia a dia, bem como algumas estratégias do sistema educacional, mesmo que não estivessem preparados para lidar com tal mudança. Como esperado, esse trânsito não tem sido nada fácil, visto que a complexidade envolvida em criar e nutrir um ambiente de estudo totalmente virtual acarreta, para alunos e educadores. Aliás, uma árdua tarefa que em meio à atual emergência sanitária, mais do que potencializar os pontos fortes do sistema educacional, evidencia múltiplos problemas que vão do educacional ao socioeconômico (VIEIRA, 2021).

Nesse ponto, é importante mencionar que o ensino online, ou também chamado de educação virtual tradicional, é uma experiência educacional totalmente planejada, pois ao fazer uso de um modelo sistemático para o desenho e desenvolvimento de atividades curriculares, permite uma interação planejada entre educadores e alunos em meio a um ambiente digital criado especificamente para esse fim. Ao incorporar de forma abrangente às ferramentas TIC e as metodologias pedagógicas tradicionais, este modelo privilegia a aprendizagem autônoma ao mesmo tempo que procura fortalecer o trabalho colaborativo para apoiar os alunos, não só em questões educativas, mas também psicossociais.

Note-se que ao longo das últimas décadas é possível identificar três gerações que permitem observar um avanço gradual nos métodos que consolidaram o sistema que hoje caracteriza o modelo de ensino online. A primeira geração foi baseada em recursos materiais impressos enviados pelo correio; na segunda, meios eletrônicos como o computador foram incorporados, enquanto na terceira geração, a educação passou a contar com as TICs. Sem

dúvida, a última geração é a que se mantém em vigor graças à multiplicidade de possibilidades que oferece ao cenário pedagógico; no entanto, a busca constante por otimizar a qualidade e manter-se atualizado na acelerada sociedade contemporânea mantém esse modelo em permanente processo de transmutação (ARAÚJO, 2021).

Por sua vez, o modelo de ERE nem sempre pode ser pensado como um recurso de ensino-aprendizagem digital, pois, acima de tudo, é concebido como "uma mudança temporária na entrega da instrução para um modo alternativo de entrega devido à crise circunstâncias. A intenção desse modelo educacional, além de configurar um ecossistema que permita a interação de educadores e alunos no ambiente virtual, O consiste em fornecer uma solução temporária ou suporte instrucional que ajude a superar as barreiras da aprendizagem presencial enquanto são realizadas realizar atividades autônomas de aprendizagem. Embora isso implique uma maior responsabilidade para o aluno que deve enfrentar parcialmente seu processo educacional sozinho, também tem um impacto negativo na qualidade educacional, pois na maioria das vezes não é possível implementar as TICs devido à falta de um ambiente favorável. consolidar um ambiente virtual de aprendizagem (SOARES, 2021).

Embora o esforço conjunto para transferir os métodos de ensino planejados para ambientes presenciais para a virtualidade, sem alterar as diretrizes de qualidade, tenha sido enorme e rigoroso, essa nova realidade pandêmica abalou consideravelmente o sistema educacional brasileiro pelo fato de que nem as instituições de ensino, nem os alunos, nem os educadores estavam preparados para realizar uma transição de tal magnitude em tão pouco tempo. Mudar a educação presencial para um modelo de ERE significou a manifestação de muitas variáveis que antes não eram levadas em conta, embora já estivessem afetando amplos setores sociais no Brasil há algum tempo. A diversidade de condições socioeconômicas entre os estudantes, bem como os diversos conflitos econômicos.

Por um lado, as barreiras tecnológicas e socioeconômicas que alguns alunos vivenciaram desde o estabelecimento das aulas online reduziram suas chances de aprender em casa, pois não ter os materiais mínimos para realizar as atividades propostas durante os encontros virtuais aumenta as lacunas educacionais entre a população estudantil e também promove o abandono escolar. Essa situação, que afeta principalmente os alunos que vivem em ambientes vulneráveis, os deixa para trás educacionalmente, pois não têm motivação ou suporte socioemocional em seu ambiente imediato que lhes permita sustentar sua formação acadêmica (SOARES, 2021).

A conectividade é outro fator determinante, porque a falta de Internet ou acesso a um dispositivo tecnológico para consultar ferramentas educacionais assíncronas ou assistir a aulas

virtuais impede a continuidade do processo de aprendizagem. Por outro lado, o impacto que a emergência sanitária teve nos educadores, que não têm preparo suficiente para oferecer educação virtual efetiva, tem sido considerável. Embora o uso das TIC aplicadas ao ensino seja um tema que vem sendo priorizado nos últimos anos, as habilidades exigidas para esse tipo de ensino são diferentes daquelas que os educadores acumularam em sua experiência no campo educacional. Nesse sentido, a transição para um modelo de educação a distância aumentou não só a carga horária dos educadores, devido ao preparo exigido pelo planejamento acadêmico e pedagógico para oferecer aulas online, mas também pelos níveis de estresse associados a todos os inconvenientes envolvidos na oferta de educação de qualidade em um contexto de tão acentuada desigualdade socioeconômica.

A incerteza diante do desconhecido também se tornou uma ideia permanente entre os alunos. As rotinas mudaram e, embora o ensino presencial remoto fosse considerado uma vantagem, na época, a situação rapidamente se tornou uma espécie de realidade de ficção científica, pois após várias semanas desenvolvendo uma vida totalmente virtual, o ambiente tomou um rumo que ninguém tinha previsto, pois até mesmo receber aulas no conforto de casa tornou-se um fardo, e não uma solução; como apontou outro aluno entrevistado: tudo ficou muito pesado, tudo é mais difícil do que eu pensava, e tudo é muito mutável. Tem semanas que eu faço tudo e tem semanas que eu simplesmente não faço nada (TEIXEIRA; NASCIMENTO, 2021).

Esta modalidade, talvez por ser a primeira experiência total e sem qualquer tipo de preparação, levou os alunos a terem ao mesmo tempo uma quantidade excessiva de trabalho acumulado, a necessidade de procrastinação e a intenção de aproveitar o seu tempo noutras atividades. diferente das acadêmicas, que determinavam o cancelamento de disciplinas, a deserção das aulas, sem mencionar outros inconvenientes mais notórios, como o tédio, entrar em reuniões síncronas sem ter lido e evasão de responsabilidades. Diante disso, alguns professores entendem a situação e são flexíveis, mas mesmo assim, você também pode ver cansaço, tédio e, às vezes, dificuldades no gerenciamento da tecnologia.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO TECNOLÓGICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.

A sociedade atual faz uso das mais variadas tecnologias de informação, possuindo assim novas práticas e novas formas de pensar voltados para o meio das tecnologias, sendo projetadas na aprendizagem de palavras e imagem. O desenvolvimento tecnológico tem influenciado não

só as pessoas que já a utilizam, mas todo o ensino atual se mostrando necessário fazer essa reflexão acerca dos conteúdos que são abordados em sala de aula.

A cultura digital exige que tanto o professor quanto o aluno se atualizem e aprendam a conviver com essa nova realidade, se adequando ao dia a dia das pessoas, desse modo se estabelecem um elo entre a interação social e a sociedade, com o seguinte propósito: proporcionar conteúdos que são ligados a esfera da tecnologia e suas ferramentas de uso, ampliando o conhecimento. Sendo assim é possível melhorar o processo das mídias digitais dentro da escola.

Através da internet, tanto professores, quanto alunos ampliaram seus horizontes do saber, e passaram a conhecer e aprender coisas que até então eram de difícil acesso. Logo a internet trouxe para o ensino e aprendizagem a inovação das informações, aproximando as pessoas de novos conhecimentos e até mesmo do mundo (SOARES, 2012, p. 2)

A era digital traz consigo uma grande ferramenta que pode ser usada pelos professores de língua portuguesa até mesmo por professores de outras áreas. E como exemplo disso temos os gêneros textuais, na qual existem diversas formas de serem trabalhadas. Principalmente aqueles que são inclusos no universo digital. Sendo que na maioria dos casos possuem língua própria. Podendo ser explanado em diversas aulas da disciplina para servirem de suporte para o uso correto da língua padrão, assim moldando não só a maneira de ler com a fala e a escrita dos alunos.

Os gêneros textuais usados em salas de aulas fazem com que o aluno tenha uma interação com tudo que faz parte do seu dia. Dessa forma, a escola deve aproveitar essa competência comunicativa dos jovens que sabem utilizar de maneira correta os gêneros digitais, para que assim possa transformá-los em bons produtores desses gêneros, valorizando suas produções dentro do âmbito escolar e fora dele. (SOARES, 2012 p. 13)

Podemos perceber então que a internet e mundo proporciona ao ensino uma mudança lhe permitindo outro uso levando com sucesso a uma nova conduta de ensino, pautado nas novas tecnologias e suas ferramentas de uso. Promovendo assim um novo olhar para o ensino aprendizagem.

Cabe aqui destacar um desafio importante para a educação mediada por tecnologia, que é a utilização inadequada da internet pelos alunos. Apesar de ser uma ferramenta poderosa para pesquisa e estudo, muitos estudantes utilizam a internet de forma superficial e não crítica, limitando-se a copiar e colar informações encontradas sem refletir ou processar essas informações de maneira adequada.

Essa abordagem superficial compromete o desenvolvimento de habilidades como a criatividade e a capacidade de resolução de problemas, que são fundamentais para a formação integral dos alunos. Além disso, a simples cópia de informações não contribui para o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo, que é uma das principais habilidades que a educação deve desenvolver nos alunos.

Dessa forma, é essencial que a educação mediada por tecnologia enfrente esse desafio e busque formas de incentivar o uso crítico e reflexivo da internet pelos alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas e de pensamento crítico e criativo. Isso pode envolver a utilização de metodologias de ensino ativas e colaborativas, que estimulem a participação dos alunos na construção do conhecimento e a reflexão sobre a informação obtida na internet.

Nesse contexto, o papel do professor ao lado de seus alunos se torna extremamente necessário, assim se estimula o pensamento crítico, relacionando os fatos com o cotidiano da sala de aula, resgatando a experiência vivida e buscando a veracidade dos fatos e os seus reflexos no cotidiano (MIRANDA, 2006, p.46)

Atualmente, é necessário que os alunos sejam capazes de usar, gerenciar, avaliar e compreender a tecnologia. No entanto, a aprendizagem alcançada nesta área tem sido limitada, devido ao facto de a visão da natureza da tecnologia ter estado ligada principalmente à automação de escritórios. Da mesma forma, os efeitos da mudança pedagógica derivada da tecnologia têm sido condicionados, na maioria dos casos, a ganhos na transmissão de conteúdos, mas não a outros elementos importantes como a significância, o papel docente, a interação entre os alunos, o clima de relações e habilidades tecnológicas. Os desafios da alfabetização tecnológica no ensino da Língua Portuguesa implicam mudanças nas concepções de alunos e professores sobre a natureza e os efeitos da tecnologia. É, pois, necessário proporcionar novos espaços de aprendizagem que permitam ao aluno desenvolver as competências necessárias para a resolução de problemas através da sua utilização (ACRI; RUIZ, 2022). Ao olharmos:

[...] para o campo de estudos dos letramentos, deparamo-nos com uma diversidade de nomenclaturas –como multiletramentos, novos letramentos, letramento acadêmico e letramento literário para tratar de um ponto em comum: práticas socioculturais de leitura e escrita. Nortear as práticas e os eventos de letramento como ponto comum dos estudos acadêmicos se deve, em parte, ao reconhecimento de uma diversidade de práticas que envolve a leitura e a escrita, a partir de uma perspectiva sociocultural, em detrimento a outra perspectiva, postulada na década de 1980, na qual o letramento era designado como a capacidade de escrever socialmente (ALMEIDA; COSTA; HISSA, 2021, p. 07).

Nesse ínterim, a introdução do letramento tecnológico no ensino de Língua Portuguesa permite que os alunos aprendam na prática diária, facilitando a realização de ações de projeto, exploração, identificação de problemas, construção, modelagem, reparo e avaliação em contextos de aprendizagem. Além disso, este tipo de metodologia demonstrou ter efeitos positivos no desempenho dos alunos na avaliação do conhecimento do conteúdo, responsabilidade, autodireção comunicação, criatividade, motivação e trabalho colaborativo (SILVA; NUNES, 2021).

No entanto, o sucesso desta metodologia depende de os alunos assumirem a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem, definir objetivos claros, realizar processos de monitorização e reflexão e manter a motivação. Há evidências que mostram que isso nem sempre acontece, pois, a adaptação à estrutura no ensino da Língua Portuguesa implica um desafio tanto para alunos quanto para professores (ALMEIDA; COSTA; HISSA, 2021).

Para que os alunos tenham um desempenho bem-sucedido no ensino da Língua Portuguesa, é necessário ter ambientes de aprendizagem e práticas de ensino que apoiem a aprendizagem autorregulada dos alunos. De fato, foi demonstrado que ambientes de aprendizagem centrados no aluno geram maior envolvimento emocional nos alunos e menos dependência do professor. Além disso, esses ambientes facilitam o desenvolvimento de processos nos alunos, como resolução de problemas, raciocínio divergente e pensamento crítico.

Os avanços da ciência e da tecnologia e seus impactos no funcionamento da sociedade revelaram a necessidade de repensar o sistema educacional e seus objetivos, para torná-los coerentes com a realidade cotidiana dos alunos. Devido a isso, diferentes diretrizes foram desenvolvidas sobre o que deve ser a educação escolar, dando lugar a um novo sistema de habilidades e currículo escolar que promove o uso e apropriação da tecnologia como ferramenta fundamental na sociedade atual. Tais diretrizes curriculares têm sido orientadas para a promoção da educação tecnológica principalmente em sete sentidos: desenvolvimento de habilidades, artes industriais e formação profissional (MONTEIRO et al., 2021). No ensino da Língua Portuguesa, o letramento tecnológico:

[...] deve ser pensado como —letramentos digitais!, que envolvem inúmeras práticas sociais e concepções para se poder realizar pesquisas na internet, acessar links de navegação, avaliar a credibilidade das fontes, compreender e produzir gêneros multimidiáticos, dentre outras. Sob esse prisma, a busca, a navegação, a colaboração e a participação na rede são diferentes práticas sociais do ciberespaço, estreitamente relacionadas às identidades e aos valores dos grupos sociais aos quais pertencem aos usuários da internet (RIBEIRO, 2016, p. 163

Não é fácil chegar a um acordo sobre o que significa alfabetização tecnológica, devido à multiplicidade de visões, interesses e expectativas que giram em torno dela. No entanto, um ponto de encontro entre as diferentes perspectivas é o desenvolvimento de habilidades que permitem aos indivíduos resolver problemas, propor soluções e tomar decisões por meio de sua capacidade de compreender, avaliar, usar e transformar objetos, processos e sistemas tecnológicos, que implica também o desdobramento de três dimensões interdependentes: conhecimento, formas de pensar e capacidade de agir (ALVES et al., 2021).

Diferentes países assumiram o desafio da alfabetização tecnológica, gerando planos curriculares que estabelecem competências e desempenhos específicos sobre o que se espera que o aluno aprenda em termos de tecnologia. Entre esses objetivos estão fazer com que o aluno compreenda a história da tecnologia, conheça os efeitos da tecnologia na natureza e seja capaz de compreender, gerenciar e alterar os elementos tecnológicos de seu ambiente para resolver diferentes problemas.

De acordo com Encarnação (2022), existem quatro competências que definem a alfabetização dos alunos na área de tecnologia. A primeira é a natureza e evolução da tecnologia e refere-se ao conhecimento dos conceitos, características e objetivos fundamentais da disciplina, bem como a sua história e evolução. A segunda competência é a apropriação e uso da tecnologia, e visa que os alunos sejam capazes de utilizar as ferramentas tecnológicas de forma adequada e crítica, com o objetivo de otimizar e aumentar a produtividade na execução de diferentes tarefas. A terceira competência é a resolução de problemas com tecnologia, e consiste na capacidade de desenhar estratégias para a identificação, formulação e solução de problemas com tecnologia. A última competência é tecnologia e sociedade, que aborda questões relacionadas às atitudes dos alunos em relação à tecnologia, reconhecimento do potencial dos recursos, avaliação de processos, análise de seus impactos, ética, responsabilidade social, comunicação e interação social.

A soma de todas essas competências visa consolidar um campo interdisciplinar que faça a ponte entre o conhecimento tecnológico e o cotidiano, e permita contribuir para a competitividade e produtividade da população. Responsabilidade social, comunicação e interação social. Segundo Acri e Ruiz (2022), ser competente no uso e apropriação da tecnologia melhora a competitividade e a produtividade da população, uma vez que são desenvolvidas competências que permitem a resolução de problemas através do seu uso. No entanto, o desenvolvimento dessas habilidades requer uma mudança nos ambientes tradicionais de aprendizagem. Para tanto, é preciso ter uma metodologia de ensino que permita o

desenvolvimento efetivo dessas competências, além de mudanças secundárias no discurso e nas atividades de aula.

Duas correntes teóricas que aprofundaram a aprendizagem têm sido a abordagem comportamental e a abordagem construtivista. A primeira estabelece que o conhecimento pode ser transferido pelos professores ou transmitido por meio da tecnologia e adquirido pelos alunos. A segunda parte de uma visão em que o conhecimento é elaborado individual e socialmente pelos alunos, com base em suas próprias experiências e representações de mundo e com base em conhecimentos declarativos já conhecidos.

Da abordagem comportamental derivam ambientes de aprendizagem centrados no professor, que se baseiam nos fundamentos da disciplina e do controle, e onde a conformidade e a aprendizagem passiva são privilegiadas sobre a iniciativa e a aprendizagem ativa. Por ele, as tarefas ou atividades utilizadas neste modelo se concentram em manter o controle sobre os alunos e são principalmente exercícios teóricos. Por exemplo, leituras, discussões guiadas e guias são formas de instrução que por si só colocam o professor na frente da classe enquanto todos os alunos trabalham na mesma tarefa (SILVA; NUNES, 2021).

É sabido que essa estrutura de trabalho limita a participação dos alunos e foca a aula no conteúdo e não no processo de aprendizagem em si. Além disso, esses tipos de atividades são baseados na motivação extrínseca, uma vez que os alunos mantêm o bom comportamento apenas por meio de incentivos externos, como uma boa nota.

Por outro lado, a partir da abordagem construtivista, derivam-se ambientes de aprendizagem centrados no aluno. Neste, os alunos têm um papel ativo e enfrentam tarefas que estão num contexto rico e autêntico através da aprendizagem autorregulada, são eles que estabelecem os seus objetivos e assumem a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem. Os ambientes de aprendizagem centrados no aluno incluem múltiplas fontes de informação, promovem a interação aluno-aluno e mudam a relação aluno-professor. Tudo isso permite mais interações que vão para a criação de sentido, pensamento reflexivo, pesquisa, discussão exploratória e a criação de comunidades de aprendizagem.

No ensino da Língua Portuguesa, a alfabetização digital deve ir além das ferramentas e programas de aprendizagem. Seus benefícios incluem (ALMEIDA; COSTA; HISSA, 2021, p. 50):

- Pensamento crítico: se pudermos acessar mais informações e contrastá-las, teremos cidadãos mais críticos e, portanto, mais garantias de uma sociedade livre.
- Melhorias para o uso diário: novas tecnologias podem ser integradas em nossa vida cotidiana - tanto em nível pessoal quanto profissional - melhorando nossa

qualidade de vida. Ao contrário do que algumas pessoas acreditam, sua utilidade não se limita ao lazer e ao consumo, mas pode enriquecer nosso cotidiano em muitos outros aspectos.

- Acesso a melhores empregos: o conhecimento em TIC é uma vantagem para ter acesso a empregos mais bem pagos.
- Exclusão Digital: A alfabetização digital também desempenha um papel importante na inclusão e no desenvolvimento social. A falta de acesso à tecnologia cria novas diferenças nas esferas educacional, social, econômica e cultural. Essa lacuna ocorre globalmente entre países, mas também dentro da mesma sociedade.

Ao contrário da alfabetização tradicional – voltada para as primeiras idades ou para adultos que em sua época não aprenderam a escrever e ler – a alfabetização digital também se destina a adultos que, embora sejam alfabetizados e educados, não possuem conhecimento mínimo das novas tecnologias. Nesses casos, pode-se falar de uma “re- alfabetização”, uma atualização de conceitos e habilidades relacionadas ao mundo digital para alcançar cidadãos mais autônomos, digitalmente falando (MONTEIRO et al., 2021).

Além das possibilidades que a comunicação mediada por TIC tem tido na aprendizagem de línguas estrangeiras, é importante destacar os efeitos que essas ferramentas tiveram no desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem, especialmente na educação de adultos. Alves *et al.* (2021) mencionam, entre outras, as seguintes contribuições das TIC: flexibilidade no acesso a programas de formação, fornecimento de informação ao ritmo de cada aluno, diversidade metodológica na aprendizagem e a possibilidade de entrada em um ambiente de aprendizagem e interação. Refere-se também a mudança de papéis por parte de alunos e professores, descrevendo-se um aluno ativo, com interesse pelos objetivos específicos do curso, acesso à informação quando necessário e responsabilidade pelo que aprende.

Continuando com a descrição das vantagens da aprendizagem virtual, vários autores referem a superação das limitações de espaço e tempo que favorecem o acesso a uma vasta gama de formação, a ampla disponibilidade dos conteúdos (em todo o dia e todos os dias da semana), a agilidade na comunicação que permite uma maior interação entre participantes e professores, a possibilidade de processos de comunicação e interação naturais e horizontais entre professores e alunos, o papel do aluno e a possibilidade de personalizar a aprendizagem respeitando ritmos com tutoriais individualizados (MONTEIRO *et al.*, 2021).

Dificuldades e desvantagens inerentes a essa forma de aprendizado também são descritas, como os problemas técnicos que a rede apresenta em alguns locais (baixa largura de banda e custo de conexão). Também são analisados os tempos de espera que esses fatores geram para o aluno e seu impacto no sentimento de desânimo e possível abandono dos estudos. A crença de que o e-learning é totalmente individualista e que apresenta falta de contato humano

entre alunos e professores também é apontada como desvantagem para esta nova forma de aprendizagem.

3. METODOLOGIA

A pesquisa se faz necessária quando se quer buscar informações sobre atividades que são de suma importância, e no contexto escolar não poderia ser diferente.

Para que se possa trabalhar dentro dos padrões pertinentes ao fato, devemos sempre buscar conhecer a realidade do nosso objeto de estudo. Nesse sentido analisamos a importância do uso das TIC'S na Educação Rural, focando no Ensino Tecnológico de uma Escola localizada na Zona Rural do Município de Parintins.

O tema trabalhado surgiu a partir das dificuldades enfrentadas pelos educadores e educandos que utilizam das TIC'S, uma para ensinar e o outro para aprender. Pois breve estarei atuando neste campo, com isso busco conhecer mais sobre o Ensino Remoto.

Para Ander-Egg (1978, apud MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 155), a pesquisa é um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Assim a pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 155)

Nesse capítulo trata-se da descrição do tipo de pesquisa, do local da pesquisa, dos sujeitos e dos instrumentos utilizados. Portanto neste contexto esta pesquisa foi concebida com o objetivo de mostrar a importância das TIC'S para com a Educação Rural.

Esta investigação trata-se de uma Pesquisa de Campo, a qual é uma metodologia utilizada em diferentes áreas do conhecimento para coletar informações e dados diretamente na fonte. Esse tipo de pesquisa envolve a observação direta, a entrevista com pessoas e a coleta de dados por meio de instrumentos como questionários, entrevistas e observações. É uma técnica que permite ao pesquisador obter informações detalhadas sobre o objeto de estudo, bem como a percepção e experiência das pessoas envolvidas (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A pesquisa de campo é especialmente útil para investigar fenômenos complexos e multifacetados, que exigem uma análise cuidadosa das interações e relações entre diferentes variáveis. Além disso, a pesquisa de campo é importante para a validação dos dados coletados em outros métodos, como a pesquisa bibliográfica e documental.

No entanto, a pesquisa de campo também apresenta desafios, como a necessidade de planejamento cuidadoso e a coleta de dados de maneira ética e respeitando a privacidade dos

participantes. Além disso, a análise dos dados coletados na pesquisa de campo requer um nível de habilidade e expertise por parte do pesquisador, para garantir a precisão e validade dos resultados obtidos.

A respeito da pesquisa numa abordagem qualitativa, Oliveira (2008 *apud* Souza (2020, p. 26) enfatiza que:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa. Os dados podem ser obtidos através de uma pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários, planilhas e todo instrumento (técnica) que se faz necessário para obtenção de informações.

Com isso, o pesquisador foi a campo para coletar dados que foram analisados posteriormente, utilizando-se do método Dialético tanto para a coleta, quanto para a análise dos dados obtidos.

O local da pesquisa circunscreveu-se, na zona rural do município de Parintins, Estado do Amazonas. O local da pesquisa foi escolhido baseado em critérios, ou seja, o local da pesquisa foi escolhido por ser uma das maiores unidades escolares de Ensino Tecnológico. Utilizou-se como técnicas de coleta de dados observação e questionários.

Como sujeitos da pesquisa participam alunos e professor do 2º ano do Ensino Tecnológico da escola X localizada na região do rio Uaicurapá. A escolha desses sujeitos da pesquisa se deu pelo fato de o pesquisador vivenciar de certo modo esse ensino por meio das TIC'S.

Para identificar os colaboradores desta pesquisa, os sujeitos foram caracterizados como X, Y, Z

4. ANÁLISE E RESULTADOS

A história da legislação brasileira sobre a educação do campo é marcada pelo descaso, pelo preconceito e discriminação, a primeira vez que vimos mencionada a educação para essa população foi na Constituição Federal de 1934 e, ainda assim, sempre referida como “educação rural”. Conforme salienta Freitas (2001, p.36):

A trajetória da Educação Rural, no Brasil, inicia-se na década de 1930 do século 20, paralelamente ao início da industrialização, que gerou um processo de intenso êxodo rural e crescente urbanização da população. Nasce marcada pelo discurso da modernização do campo e da necessidade de adaptar o camponês e suas práticas, sinônimo de atraso, aos novos padrões de agricultura que dariam suporte ao modelo

industrial nascente. Desde então, foram inúmeras as propostas educativas de cunho formal e informal para o meio rural. Tais experiências, porém, sempre foram fragmentadas, algumas vezes sobrepostas, respondendo a interesses conflitantes, tendo papel secundário nas políticas de educação.

Inicialmente chamada nos documentos oficiais de “educação rural” foi-lhe atribuído pelos poderes governamentais, um caráter discriminatório e de menor qualidade, apresentada exclusivamente como forma de evitar o êxodo rural provocado pela urbanização do país, na década de 30 e, principalmente, como estratégia de manutenção da população camponesa no campo, por meio da educação, a fim de atender às demandas da produção, conter o movimento migratório e elevar a produtividade. (CALDART, 2004)

Datado de antes dos anos 20, o “ruralismo pedagógico” persiste até a década de 40, em algumas regiões do Brasil, como uma tentativa de levar o homem do campo a manter-se no campo e a reforçar seus valores por meio da adaptação de programas educacionais e currículos ao contexto rural. Tudo isso, com o intuito de evitar o inchaço dos centros urbanos que não davam conta de absorver toda a mão-de-obra advinda do êxodo rural experimentado na época, constituindo-se, portanto, uma ameaça e uma problemática aos grupos dominantes.

Outras iniciativas foram tomadas posteriormente com vistas à educação rural, com o intuito de ampliar o ensino e a preservação da cultura do homem do campo, como a realização de vários seminários, palestras e debates e, mais tarde, em 1937, a criação da Sociedade Brasileira da Educação Rural.

Os precursores do Movimento pela Educação do Campo (MEC), que contribuiu significativamente para a concepção da Educação do Campo, contrapondo-se ao modelo de educação rural presente nos documentos oficiais, foram os movimentos sociais ligados à reforma agrária, fundamentalmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), surgido na década de 80 e formado por integrantes das pastorais da igreja Católica, seguidores da teologia da libertação, coordenada por setores progressistas da sociedade e fortemente influenciada pelas ideias de Paulo Freire e da Pedagogia do Oprimido (CALDART, 2004).

De fato, foi somente na década de 90 que esses movimentos ganharam força com aumento do número de ocupação de terras no Brasil e, por conseguinte, a crescente mobilização por uma proposta de educação que valorizasse os sujeitos dessas ocupações.

O MST constitui-se como uma luta coletiva de homens e mulheres trabalhadores do campo que reivindicavam não somente o direito de produzir nas terras, mas também de fazer do trabalho fonte de crescimento, de transformação social e de conquistas de direitos que lhes foram negados pela exploração capitalista. Nesse sentido, Caldart (2006, p. 41) enfatiza que

o vínculo de origem da Educação do campo é com os trabalhadores ‘pobres do campo’, trabalhadores sem-terra, sem trabalho, mas primeiro com aqueles já dispostos a reagir, a lutar, a se organizar contra ‘o estado da coisa’, para aos poucos buscar ampliar o olhar para o conjunto dos trabalhadores do campo.

A luta desses trabalhadores rurais está diretamente ligada ao movimento social por direito à cultura, ao saber, ao conhecimento historicamente construído. O povo do campo luta por escolas que ofereçam uma educação de qualidade, que valorize os saberes construídos pelos sujeitos do campo, que trate a criança, o adolescente e o adulto do campo como sujeitos de direitos, conscientes de seu lugar no mundo e na sociedade da qual fazem parte. Lutam por um projeto educativo inclusivo que reconheça o aluno como ser humano que se constitui por meio do trabalho, do trabalho na terra. É a terra e as lutas por ela que constitui a criança, o adolescente e o adulto do campo e isso deve ser levado em conta pela escola, pelos projetos políticos pedagógicos e pelas políticas públicas (CALDART, 2006).

Esse movimento social misturou-se com a renovação pedagógica de luta por uma educação transformadora com bases do materialismo dialético, conforme defende Arroyo (1999, p. 14), “o próprio movimento social é educativo, forma novos valores, nova cultura, provoca processos em que desde a criança ao adulto novos seres humanos vão se constituindo.”

Nesse sentido, o princípio educativo do trabalho presente nas bases marxistas do MST, diz respeito à transformação humana por meio da educação. Ainda com Arroyo (1999, p. 21), defendemos que

os processos educativos passam pelo conjunto de experiências, de vivências que o ser humano tem ao longo de sua vida. E a experiência que nos marca a todos, é a experiência do trabalho, da produção, o ato produtivo que nos produz como pessoas. O ser humano não produz apenas alimentos, roupas, ele se produz na medida em que produz. [...]A cultura da roça, do milho, é mais do que cultura. É cultivo do ser humano. É o processo em que ele se constitui sujeito cultural. [...]Nós temos que recuperar os vínculos entre educação e terra, trabalho, produção, vida, cotidiano de existência, aí que está o educativo.

Nesse contexto, acrescentamos que autores como Ciavatta (2005), enfatiza que, na visão marxista, o trabalho têm, como uma de suas dimensões, a noção ontológica, estruturante do ser social, sendo extrínseco à vida humana e ao conhecimento, ou seja, é inerente ao ser. “É o trabalho como um princípio da cidadania, no sentido de participação legítima nos benefícios da riqueza social, que se distingue [...] da exploração do trabalhador (CIAVATTA, 2005, p. 92).

Complementando, Medeiros, Neta, Assis e Lima (2016) argumentam que o trabalho como princípio educativo vincula-se à própria forma de ser dos seres humanos, uma vez que

somos parte da natureza e dependemos dela. Portanto, se essa é uma condição imperativa, “socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida”, é crucial e “educativo” (2017, p. 117).

Falamos do princípio educativo, que transforma, cria e recria a realidade. É a práxis educativa da educação do campo que possibilita os processos de autonomia e desalienação do camponês e levam-no à emancipação e ao pleno usufruto de seus direitos à saúde, à terra, à educação, à cultura e à valorização dos saberes construídos no campo, sem que estes sejam tratados como ultrapassados, excêntricos e até mesmo “românticos” pela escola, que historicamente, tem apenas procurado se adaptar aos paradigmas de escolas urbanas, seja em seus calendários, estruturas físicas, pedagógicas, administrativas e financeiras, seja em seus currículos ou práticas pedagógicas, negando às populações do campo uma educação que lhes dê autonomia de pensamento e vá além de habilidades rudimentares de ler, escrever e efetuar algumas operações matemáticas.

Para Caldart (2008, p.70), compreendermos as origens da Educação do Campo como educação emancipatória, faz-se necessário pensá-la sempre na tríade: campo – política pública – educação. De acordo com a autora, “é a relação, na maioria das vezes, tensa, entre esses termos, que constitui a novidade histórica do fenômeno que batizamos de Educação do Campo”.

Dessa tríade, o campo nos remete a esses sujeitos camponeses com sua cultura, sua vivência e seu trabalho, que lutam coletivamente contra as precárias condições de trabalho temporário oferecido nos grandes latifúndios de produção agrícola, onde a lógica da produção capitalista estabelece as condições de vida e de sobrevivência de homens, mulheres que ali vivem. É o campo da luta social, do Movimento Sem Terra-MST, de sujeitos que se constituem por meio do trabalho na terra. É o campo que “produziu a Educação do campo” (CALDART, 2008).

À luz dessas reflexões, entendemos que educação do campo não é um conceito pronto e acabado, pois se constitui historicamente com os movimentos sociais de luta pela posse e permanência na terra, por melhores condições de vida e de trabalho no campo e somente pode ser compreendido a partir deste contexto, marcado por fortes tensões e contradições sociais. Mas afinal, o que é Educação do campo? Um movimento social? Uma Política Pública? Uma teoria político-pedagógica? Para respondermos a essas questões, afirmamos, mais uma vez, que se faz necessário a compreensão de que:

a Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária

com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (CALDART, 2008, p.73)

Como já mencionado, a concepção de Educação do Campo repousa no leito teórico da compreensão do trabalho em sua dimensão pedagógica. Trabalho não somente como fator de subsistência e produtor de bens materiais e, no caso, a produção agrícola, mas também e, principalmente, como produtor de bens imateriais, de cultura, de conhecimentos e modos de vida. Trabalho como fator de transformação e ressignificação do próprio homem.

Esse conceito, está intrinsecamente relacionado ao princípio educativo do trabalho, que constitui-se como processo de humanização do homem, “o ser humano não nasce humano, ele faz-se humano”, num processo dinâmico e contínuo em que, à medida que em sua relação com a natureza, produz bens materiais: ferramentas, instrumentos, artefatos tecnológicos e bens imateriais ou simbólicos: crenças, valores, comportamentos e modos de vida, o homem cria, recria, transforma o meio social e transforma a si mesmo (DELLA FONTE, 2018, p.10-12).

É fundamental que a Educação do Campo seja pensada *no* e *com* o campo, ou seja, precisa ser construída coletivamente com esses sujeitos sociais historicamente constituídos no campo, a fim de garantir que os trabalhadores e trabalhadoras do campo e suas famílias tenham mantidas e respeitadas as identidades e os processos de formação. Caldart (2008, p.73) chama a atenção para o fato de que:

os sujeitos que trabalham e vivem do campo e seus processos de formação pelo trabalho, pela produção de cultura, pelas lutas sociais, não têm entrado como parâmetros na construção da teoria pedagógica e muitas vezes são tratados de modo preconceituoso, discriminatório.

Compreendemos, então, que a concepção emancipatória da Educação do Campo só tem sentido quando considera e respeita esses processos singulares de formação humana daqueles que vivem do/no campo.

Nesse sentido, essa modalidade de ensino, que nasceu dos movimentos sociais, torna-se projeto político quando conquista espaços nas Políticas Públicas de Educação e expande-se como projeto pedagógico e de vida quando abre caminhos para a construção de teorias pedagógicas inclusivas que buscam o desenvolvimento dos sujeitos do campo em sua dimensão omnilateral, articulando educação e trabalho em busca da autonomia pelo conhecimento que emancipa e liberta socialmente.

A Educação do Campo, hoje, não pode ser pensada como sinônimo de atraso e não pode ser tratada como algo de segunda ordem ou categoria que deva se adequar aos paradigmas da escola urbana. Arroyo (1999, p. 23) corrobora dizendo que:

a cultura hegemônica trata os valores, as crenças, os saberes do campo ou de maneira romântica ou de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos, pré-modernos. Daí que o modelo de educação básica queira impor para o campo currículos da escola urbana, saberes e valores urbanos como se o campo e sua cultura pertencessem a um passado a ser esquecido e superado. Como se os valores, a cultura, o modo de vida, o homem e mulher do campo fossem uma espécie em extinção.

Educação do campo também é compreendida por nós como projeto pedagógico e projeto de vida daqueles que vivem no campo. Um projeto que traga um olhar mais amplo da vida no campo, do conhecimento e da cultura ali produzidos, isto é, que seja alimento para que os povos do campo alcancem a emancipação e consigam, a partir disso, construir sua própria história no e para o campo, sem negar-se como classe e força produtora de conhecimento e cultura, que transforma a natureza e o próprio homem em suas relações com o outro e com o meio em que vive. Educação que resgata e valoriza os saberes construídos pelos sujeitos do campo.

Conforme afirma Caldart (2009, p.40), a Educação do Campo:

são um movimento real de combate ao ‘atual estado de coisas’: movimento prático, de objetivos ou fins práticos, de ferramentas práticas, que expressa e produz concepções teóricas, críticas a determinadas visões de educação, de política de educação, de projetos de campo e de país, mas que são interpretações da realidade construídas em vista de orientar ações/lutas concretas.

É importante ressaltarmos que no âmbito de ações e políticas públicas de educação e projeto nacional de educação, embora a CF de 1988 não tenha citado diretamente a Educação do Campo, a Carta Magna simbolizou um marco na Educação Nacional quando proclama a educação como direito de todos e, dever do Estado, transformando-a em direito público subjetivo, independentemente de os cidadãos residirem nas áreas urbanas ou rurais.

Além disso, quando, em seu Art. 210 propôs o respeito às diferenças e às peculiaridades dos povos e comunidades regionais e locais, possibilitou às Constituições Estaduais e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - o tratamento da Educação Rural no âmbito do direito à igualdade e do respeito às diferenças e, desta forma, delinear os princípios norteadores das práticas educativas no campo, quanto à metodologia, à organização de tempos e espaços escolares, ao calendário escolar e, assim, reafirma a necessidade de um projeto global de educação para o país, sem, contudo, esquecer a diversidade sociocultural e o direito à

igualdade e à diferença, possibilitando a definição de diretrizes operacionais para a educação rural.

Vincular os movimentos sociais de reforma agrária ao movimento por uma educação emancipatória, bem como ao movimento mais amplo do povo brasileiro por um novo projeto de desenvolvimento para o Brasil, é lutar para que as famílias trabalhadoras do campo sejam vistas e consideradas como protagonistas nesse movimento de mudanças, que os dispositivos legais ampliem o direito à educação e à escolarização no campo, que defendam e garantam uma escola que não apenas esteja no campo, mas que seja do campo, seja uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e às lutas e conquistas sociais e humanas dos sujeitos do movimento do campo, num projeto que é político, é pedagógico e é de vida. Vidas construídas na coletividade e na interação com os pares sociais.

O trabalho apresenta o estudo sobre a importância do uso das TIC'S para a Educação Rural, onde no contexto escolar mostra seus desafios e dificuldades para a adaptação dos professores e alunos em sala de aula, visando na importância de haver um professor mediador formado em língua portuguesa (Letras) e que tenha conhecimento sobre as tecnologias, pois no Ensino Remoto se usa das TIC'S para ministrar as aulas.

Com a observação feita pelo pesquisador em sala de aula, criou-se dois questionários um sendo direcionado para o professor mediador presente em sala e outro para os alunos do 2º ano do Ensino Tecnológico.

O olhar do professor sobre as Tics

Para o professor X que ministra aula como mediador para esses alunos perguntei se qual era a formação do mesmo tendo como sua resposta a seguinte

“Normal superior Proformior, e ministra há 8 anos com alunos de escola regular do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.”

Segundo o mesmo me confidenciou ele não é formado em Letras e antes de trabalhar no Ensino tecnológico, ele dava aulas a alunos especiais. Pude observar que na turma em que estava aplicando o questionário e mais tarde nas outras, que nenhum professor que trabalha como professor Mediador é formado em Língua Portuguesa, mas de acordo com os alunos eles estão conseguindo compreender bem o conteúdo que está sendo explanado pelos professores.

Em outra pergunta questioneei sobre o método que ele utiliza para despertar o interesse dos alunos pela leitura e escrita e obteve-se como resposta a seguinte:

“Produção textual, bem como a prática da leitura, retiradas de aulas ministradas por professores através da mediação tecnológica.”

Aqui de certo modo vemos uma limitação de ensino, pois os conteúdos que o professor X passa aos alunos são retirados dos professores que dão aula através das tecnologias. Ele não busca passar novas atividades aos alunos para que eles adquiram mais conhecimentos.

A expressão "limitação de ensino" se refere a uma restrição ou deficiência no processo de ensino, que pode ocorrer devido a diversos fatores, como falta de recursos, metodologias inadequadas ou falta de habilidade do professor. No contexto citado, essa limitação ocorre porque o professor X se limita a repassar aos alunos os conteúdos que foram apresentados por outros professores por meio das tecnologias.

Isso significa que o professor X não está buscando novas atividades ou recursos pedagógicos para complementar o aprendizado dos alunos, limitando assim a sua formação e capacitação. Embora a utilização de tecnologias no ensino seja importante, ela não pode substituir a figura do professor como mediador do processo de aprendizagem, pois este deve ser capaz de identificar as necessidades dos alunos e adaptar o ensino para atendê-las de forma adequada.

Dessa forma, a limitação de ensino pode prejudicar o desenvolvimento dos alunos, pois eles podem se sentir desmotivados e desinteressados pelo ensino. É importante que os professores busquem se atualizar constantemente e utilizem diferentes recursos e metodologias pedagógicas para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos uma formação mais completa e abrangente.

O professor também foi questionado sobre os livros e textos trabalhados em sala de aula e como eles contribuem para despertar no aluno algum interesse ou se esses livros e textos são usados apenas para tarefa escolar. O professor assim, respondeu:

“Sim, servem como suporte de Aprendizagem, e em outros tempos como atividade extra classe que são levados como tarefas “

Referente a essa pergunta o professor me deixou pensativo, pois gostaria de saber como se dava o uso dessas atividades. Porém não obtive uma resposta clara pois no dia que fui aplicar o questionário não estava havendo aula de língua portuguesa.

A expressão "Referente a essa pergunta o professor me deixou pensativo" significa que a pergunta feita pelo pesquisador causou uma reflexão no professor, deixando-o pensativo ou em dúvida sobre o assunto. Isso sugere que a pergunta foi interessante e relevante, provocando uma reação no professor.

E a frase "Porém não obtive uma resposta clara pois no dia que fui aplicar o questionário não estava havendo aula de língua portuguesa" indica que, infelizmente, o pesquisador não obteve uma resposta satisfatória para a sua pergunta. Isso ocorreu porque, no dia em que o pesquisador aplicou o questionário, não havia aula de língua portuguesa, o que significa que o professor não pôde explicar como se dava a criação das atividades.

Essa situação sugere que o aluno pode tentar obter a resposta em outro momento, talvez em uma próxima aula de língua portuguesa ou conversando com o professor em um horário alternativo. É importante que os alunos tenham oportunidades de esclarecer suas dúvidas e obter informações relevantes para seu aprendizado.

Na pergunta seguinte, o professor foi questionado como a leitura e escrita são conduzidas em sala de aula e se contribuem para que os alunos compreendam melhor o que está sendo proposto. A resposta foi a seguinte.

“Sim, contribuem como aprendizado de maneira eficaz, uma vez que o educando busca e tem uma dimensão do conhecimento sobre o objeto de estudo.”

De certo modo essa resposta foi muito satisfatória. Sabendo que mesmo com a dificuldade que esses alunos enfrentam, eles buscam saber mais sobre determinado assunto. Quando eles não entendem algo ou ainda restam dúvidas, eles a tiram com o professor mediador e assim conseguem compreender o conteúdo.

Outro questionamento foi sobre o papel da escola no ensino da leitura e escrita. O professor respondeu:

“É favorecer o conhecimento, observar o lado prático da escrita no meio ortográfico e avaliar o conjunto de todo esse processo que envolve a prática de leitura e escrita.”

Nessa pergunta o professor coloca seu olhar sobre a respectiva pergunta, falando sobre o papel que a escola tem para com a escrita e leitura dos indivíduos. Tendo ao todo um longo processo de revisão e avaliação na questão da escrita e leitura dos alunos.

Na última questão do questionário dado ao professor a seguinte questão: Em sua opinião como educador as aulas do ensino remoto produzidas para contornar os problemas causados pela covid19, conseguiram alcançar seus objetivos. Obtivemos como resposta a seguinte.

“De certa forma não, é indispensável a presença do educador fora da sala de aula por, mas, planejado que seja uma aula remota, não supera a falta do professor presencial, uma vez que as dúvidas e questionamentos surgem de maneira imprevisível e as dificuldades enfrentadas por parte do educando é de forma diferenciada, cada um tem um problema, e o conhecimento do professor presencial ajuda solucionar as peculiaridades de cada um.”

Aqui na opinião do professor vemos que até mesmo o Ensino Tecnológico passou por dificuldades em período pandêmico, onde para não propagar a covid19 os alunos estudavam em cima de apostilas sem a presença do professor presencial. Portanto, o aluno não tinha a quem recorrer para solucionar suas dúvidas.

O olhar do aluno sobre as Tics

No que diz a respeito sobre o questionário aplicados aos alunos, dos 30 alunos matriculado regularmente no 2º ano do Ensino Tecnológico, no momento da aplicação apenas 17 estavam presentes. O restante da turma por não possuir transporte não estava presente no dia. Ao que se refere a 1º pergunta, apenas 15 alunos responderam “sim” que gostam das aulas de Língua portuguesa e produção textual. Tendo apenas 2 alunos que responderam “Não”. Segue abaixo a resposta de um desses alunos.

“Na verdade, eu não gosto muito de produção texto, mas gosto da leitura. Gosto de ler livros porque gosto de histórias da literatura. quando tem as aulas de produção de texto na sala eu não gosto muito.”

Nessa resposta do aluno Y percebemos que o mesmo não tem nenhum tipo de incentivo em relação a produção de textos, gostando mais do momento em que há a leitura de histórias literárias do que a produção de texto em si.

Na segunda questão do questionário, pergunta-se aos alunos se eles compreendem tudo que leem. Os 17 alunos presentes disseram que muitas das vezes eles não conseguem compreender tudo que leem. Segue abaixo a resposta do aluno Z

“Muitas das vezes não, porque não entendo muitas palavras ou não sei o significado delas.”

Com base nessa resposta vemos claramente a importância em ter um professor formado na área de Letras, para orientar os alunos com esse tipo de dificuldade.

Ter um professor formado na área de Letras é de extrema importância para guiar alunos que apresentam dificuldades em áreas relacionadas à língua portuguesa, como leitura, escrita, interpretação e gramática. Isso porque o professor com formação em Letras possui conhecimento específico e qualificação adequada para ensinar de forma efetiva os conteúdos relacionados a sua área. Além disso, o professor formado em Letras possui habilidades e estratégias pedagógicas que possibilitam uma abordagem mais adequada e individualizada para cada aluno, respeitando as diferenças e particularidades de cada um. Esse tipo de abordagem personalizada pode ser fundamental para alunos com dificuldades, pois ajuda a identificar suas necessidades e a construir um processo de ensino mais efetivo.

O professor formado em Letras também pode auxiliar os alunos na elaboração de textos e na produção escrita em geral, oferecendo orientações e feedbacks construtivos. Isso é especialmente importante para alunos que apresentam dificuldades em escrever e se comunicar de forma clara e coesa. Em outras palavras, ter um professor com formação em Letras é essencial para guiar alunos com dificuldades na área, pois ele possui a qualificação necessária para ensinar de forma efetiva e personalizada, oferecendo suporte e orientação adequados para cada caso.

Em relação a 3º pergunta do questionário na qual questionamos se a forma que o professor ministra as de produção textual e leitura facilita o aprendizado do aluno. Nessa questão obtivemos as mais variadas respostas, mas todas tinham umas semelhanças que afirmavam que forma que o professor explicava ajudava no aprendizado deles. Segue abaixo a resposta do aluno X

“Sim facilita, porque quando não entendo algo, pergunto ao professor. As explicações dele são bem claras, que faz com que eu entenda um pouco melhor sobre determinado assunto”

Mediante ao exposto percebemos que o trabalho do professor não tem preço. O professor de sala nos confidenciou buscar uma forma de passar todo o conteúdo de uma forma a possibilitar que seus alunos entendam, por isso ele incentiva a questionarem algo que eles acham que não está certa.

A quarta questão foi voltada para as aulas emergenciais, via rádio, onde os alunos foram questionados se conseguem ou não acompanhar essas aulas. Nesta questão foram obtidas diversas respostas. Uns gostaram outros não alguns conseguiram acompanhar e outros tiveram que se adequar aquele método segue abaixo a resposta de um dos alunos sobre a referida questão

“Sim eu acompanhei que me formei no 8º ao 9º ano do EJA e passei para o 1º anos do Ensino e foi vantajoso essas aulas, o que eu achei de máxima importância para que os alunos não ficassem à mercê dessa maldita doença foi uma ótima ideia.”

Como foi bem explanado, a educação passou por uma fase que devido a pandemia que assolou o mundo teve de criar novos métodos para que os alunos não perdessem conteúdo, lembrando que na opinião do professor e indispensável a presença do professor fora da sala de aula, mas para os alunos esses métodos apesar de certas limitações foram de suma importância para não se perder, contudo,

Em relação a 5º questão do questionário para os alunos perguntamos se os mesmos sentem algumas dificuldades na hora de ler e responder perguntas feitas pelo professor. Nesta questão obtivemos respostas diferentes, pois uns responderam que não possuem dificuldades

nesse quesito e outros disseram ter dificuldades na leitura ou no entendimento para responder as questões impostas pelo professor. Segue abaixo a resposta de um desses alunos

“Na hora de ler não, mas na hora de responder eu tenho um pouco de dificuldade”

O pesquisador observou que muitos dos alunos possuíam dificuldades de assimilar o conteúdo quanto a leitura, pois alguns deles não conseguem ler por não saber como se pronuncia certas palavras ou porque ficam com vergonha de lerem na frente dos outros.

A última questão feita aos alunos foi para saber a opinião deles qual a importância da leitura e escrita, para o indivíduo na sociedade. Das diversas respostas desses alunos referentes a questão os mesmos acham a leitura e escrita de suma importância para se tornar um bom indivíduo atuante na sociedade. Uma das alunas respondeu o seguinte

“Toda pessoa tem que entrar numa escola para aprender a ler e escreve, porque se ele não entrar em uma sala de aula ele não vai ter a oportunidade de aprender e repassar isso para outra pessoa. A importância da leitura e escrita para o indivíduo a sociedade e muito importante, para ele compreender a forma de responder os assuntos que estão sendo tratados no momento e que ele está lendo ou escrevendo alguma coisa importante.

Hoje e muito comum encontrar na sociedade pessoas que não sabem ler nem escrever por que são analfabetas e por isso e muito importante o indivíduo entrar em sala de aula, para ele ter o máximo de aprendizagem”

A aluna traz em sua resposta a importância e o impacto que a leitura e escrita faz com o indivíduo na sociedade que não domina essas competências tende a ter dificuldade para se impor, para se colocar criticamente diante das situações que o incomoda.

Após a aplicação do questionário foi discutido com os alunos sobre o porquê da aplicação do questionário. A discussão foi bem interessante e um dos alunos disse que quem sabe ler possuiu o poder sobre aqueles não sabem e por isso o indivíduo conforme a aluna Y cita devem apreender a ler e escrever

É fato que o analfabetismo ainda é um problema presente na sociedade e é um obstáculo para o desenvolvimento pessoal e profissional de muitas pessoas. Por isso, é muito importante que essas pessoas entrem em sala de aula para terem a oportunidade de aprender a ler e escrever e, assim, melhorar sua qualidade de vida. O acesso à educação é um direito fundamental e a alfabetização é uma das bases do processo educacional. Ao aprender a ler e escrever, o indivíduo amplia suas possibilidades de acesso ao conhecimento e à informação, o que pode contribuir para a sua formação pessoal e profissional.

Além disso, a educação pode ajudar a desenvolver a capacidade crítica e reflexiva do indivíduo, tornando-o mais autônomo e capaz de tomar decisões conscientes e informadas. A

partir da alfabetização, o indivíduo pode ter acesso a outros níveis de escolaridade e a oportunidades de emprego mais qualificadas, o que pode contribuir para sua inserção social e melhoria da qualidade de vida. Em resumo, entrar em sala de aula e ter a oportunidade de aprender a ler e escrever é um direito fundamental e uma porta de acesso para uma vida melhor e mais digna. A alfabetização pode proporcionar autonomia, desenvolvimento pessoal e profissional, além de ser uma forma de inclusão social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender como as tecnologias da informação e comunicação refletem no presente trabalho, no dia a dia e como os educadores aplicam no processo de formação docente tem sua notória relevância. Essa reflexão mostra como as Tics influenciam e mexem com o repertório de conhecimento e de forma que elas adentram o dia a dia das pessoas.

No entanto e com o acontecimento pandêmico recente, as Tics fizeram uma revolução nas escolas. Acelerou o processo de globalização e diminuiu as distâncias. Surgiram novas ferramentas para facilitar o ensino-aprendizagem de maneira remota e de repente, os educadores se reinventaram utilizando-se literalmente das novas tecnologias. O mundo precisou ficar confinado em suas casas para assistir aulas ou trabalhar virtualmente.

Sendo assim, as diferentes plataformas utilizaram-se de novas tecnologias para realizar as aulas mais interativas, mudando antigas temáticas expositivas e presenciais, o que se buscou inclusive, aproximar cada vez mais a realidade do mundo concreto para o virtual, com salas de aulas montadas virtualmente, possibilitando até mesmo atividades e dinâmicas em grupos.

A educação influencia as mudanças tecnológicas, sociais e econômicas que acontecem todos os dias. Professores enfrentam dificuldades no uso dessas novas tecnologias, por não conseguir manuseá-las satisfatoriamente. O ensino a distância e o ensino híbrido vem ganhando espaço no Brasil, o que faz com que a tecnologia seja indispensável na sala de aula e em ambientes virtuais de ensino-aprendizagem, usando notebook, celulares entre outras tecnologias.

No entanto, algumas ferramentas foram adotada pela maioria das instituições e foram indispensáveis em meio a pandemia, as Tics não vieram para substituir o professor, pelo contrário, elas tornam aliadas para possibilitar o ensino mais dinâmico, basta o professor ter uma boa relação e saber usar a tecnologia ao seu favor.

O papel que se espera dos educadores, escola e corpo docente, é que estejam preparados e atentos para formar educandos para vida. Tornar um aluno ciente de sua cidadania requer conhecimento sistematizado. Hoje, o desafio do professor e da escola é estruturar o processo

ensino-aprendizagem, atualizando conhecimentos metodológicos e permitindo a utilização de novas tecnologias no cotidiano escolar.

Por isso, as referidas ferramentas contribuem para o desenvolvimento social, econômico, cultural e intelectual de cada ser, pois, com o uso das TICs pelos professores como recurso no processo de educação deve servir de inovação pedagógica, mas para que isso ocorra, é fundamental que o professor tenha conhecimento sobre as possibilidades do recurso tecnológico, trazendo um novo olhar para a utilização da mesma.

Sendo assim é necessário que o ensino tecnológico se torne mais lúdico para que o professores e alunos sintam-se mais à vontade na utilização dele, sendo que a tecnologia atual oferece aos alunos distintos tipos de ferramentas, que mesmo enfrentando uma diversidade de problemas relacionado a localidade, manutenção e conectividade, a torna satisfatória em sua utilização, o que pode instigar o discente a procurar mais resposta aos seus questionamentos.

Portanto e diante ao exposto, é a tecnologia que irá resolver ou solucionar todos os problemas educacionais do Brasil. No entanto, ela poderá colaborar na transformação da educação brasileira quando usada corretamente, o que possibilita a utilização de novas ferramentas que ajudaram o processo de ensino-aprendizagem satisfatoriamente instigando professor e aluno a utilizarem os recursos tecnológicos disponíveis, principalmente na educação, do campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRI, Marcelo Cristiano; RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. O letramento digital docente na BNCC: o uso das TDICs nas aulas de Língua Portuguesa. **Estudos Linguísticos**, v.51, n.1, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3252>. Acessado em: 20 de setembro de 2022.

ALMEIDA, Aline Florêncio de; COSTA, Dalilla Limeira da; HISSA, Débora Liberato Arruda. Concepções de Letramento Digital em Curso de Formação Docente. **Trem de Letras**, v.8, n.3, 2021.p.50 Disponível em: <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/1775>. Acessado em: 20 de setembro de 2022.

ALVES, Fernanda Kelly da Silva et al. Formação docente e os desafios do ensino remoto nas aulas de Língua Portuguesa. **VIII Encontro Nacional das Licenciaturas – ENALIC**, 2021. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV_163_MD1_SA_ID369_29102021175324.pdf. Acessado em: 20 de setembro de 2022.

ARAÚJO, Selimara Dutra da Silva. **O ensino remoto emergencial e estágio curricular obrigatório**: uma experiência no curso de Pedagogia no município de Caicó/RN. 2021. 54f.Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2021.

ARROYO, Miguel Gonzalez e Fernandes, Bernardo Mançano. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. Caderno 2. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. p. 14-29. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/3081/2816/> acessado em: 15 de setembro de 2022.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Palestra sobre a educação básica e movimentos sociais. In: ARROYO, Miguel G.; FERNANDES, Bernardo Mançano. A educação Básica e o movimento social do campo. Caderno 3. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 1999.

BEHAR, P.A. O ensino Remoto emergencial e a Educação a distância. UFRG,2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia>

BRASIL. Ministério da Saúde Corona Vírus. Sobre a doença- Brasília, 2020. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: identidade e políticas públicas. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (org.). Por uma Educação do Campo. Brasília, DF: Articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (org.). Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação. Brasília: Incria; MDA, 2006 109 p.; 19cm -- (NEAD Especial; 10), p.67-87.

CAMINI, Patrícia; FREITAS, Alice Teixeira de. Ensino Remoto na pandemia de COVID-19: alfabetização em risco na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Revista Teias**, v.23, n.68, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/60952>. Acessado em: 15 de setembro de 2022.

ENCARNAÇÃO, Grazielle Oliveira da. **Os desafios dos letramentos digitais no ensino de Língua Portuguesa em escolas públicas estaduais do bairro de São Caetano, Salvador**. 2022. 49 f. Monografia (Bacharelado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: **A oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e reinventar**. SINEPE/RS. Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática educativa*/ São Paulo, Paz e Terra,

FREITAS, Helena Célia de Abreu. Rumos da Educação do Campo. *Revista em Aberto*, Brasília, 2011, v. 24, n. 85, p. 35-49, abr. 2011.

GARÇA, Tania Cristina Meira et.al. Ensino Remoto emergencial; proposta de design para organização de aulas. Natal: SEDIS/ UFRN, 2020

GUIMARÃES, Ângelo de Moura; RIBEIRO, Antônio Mendes. *Introdução às tecnologias da informação e da comunicação: tecnologia da informação e da comunicação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

JESUS, Pâmela Tainan Nascimento de. **Impactos educacionais causados pela pandemia**. 2021. 62 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Centro Universitário AGES, Paripiranga, Bahia, 2021.

LIMA, Hommel Almeida de Barros; NETO, Ivaldo Barbosa da Mota. Desafios encontrados pela docência no ensino remoto diante da pandemia: uma revisão bibliográfica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v.7, n.4, 2021. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/940>. Acessado em: 15 de setembro de 2022.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/PsyZM3qmWPBQcBMm5zjGQh/?lang=pt&format=pdf>. Acessado em: 15 de setembro de 2022.

MARTINS, Ernane Rosa (org.). **Tecnologia da informação e comunicação: pesquisas em inovações tecnológicas**. Guarujá, SP: Científica Digital, 2021.

MELIM, Juliana Iglesias; MORAES, Lívia de Cássia Godoi. Projeto neoliberal, ensino remoto e pandemia: professores entre o luto e a luta. **Germinal: marxismo e educação em debate**,

v.13, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/43547>. Acessado em: 15 de setembro de 2022.

MIRANDA, R.G. **Informática na Educação: representações sociais do cotidiano**3. Ed. São Paulo: cortez. 2006

MONTEIRO, Rysian Lohse et al. Leitura, escrita e letramento digital: como a tecnologia pode influenciar o ensino de Língua Portuguesa na escola. **Revista Philologus**, v.27, n.81, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/972>. Acessado em: 20 de setembro de 2022.

MOREIRA, Rosane de Paula; MORATO, Rafael dos Santos. Educação 4.0 e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's): a educação em Direitos Humanos no uso do Whatsapp. **SCIAS. Direitos Humanos e Educação**, Belo Horizonte, v.3, n.1 p. 95-117, 2020. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/4594>. Acessado em: 15 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, K. Z. L. DE. **Tecnologias digitais como recursos pedagógicos**. Cajazeiras: 2018. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/5988>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SAE DIGITAL. **O que São as Aulas Remota**. Disponíveis em: <https://saedigital/aulasremotas/>

SILVA, M. N. DA; MENDANHA, J. F. A importância da Ferramenta Tecnológica no Contexto Educacional. **ITPAC - Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos**, v. 7, n. 1, p. 1, jan. 2014.

SOARES, T.L **O uso da Internet no ensino de Língua Portuguesa Na Perspectiva do Professor de Ensino fundamental e médio**. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigo/o-uso-da-internet-no-ensino-de-lingua-portugues-na-perspectiva-do-professor-de-ensnino-fundamental-e-medio/89263/>

TOMAZINHO, Paulo. Ensino Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. **SINEPE/RS**, Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

APÊNDICE

Figura 1: Questionário Feito ao Professor.

QUESTIONARIO

1º Qual a sua formação e a quanto tempo leciona essa disciplina

2º Qual método que você usa para despertar o interesse dos alunos pela leitura e escrita?

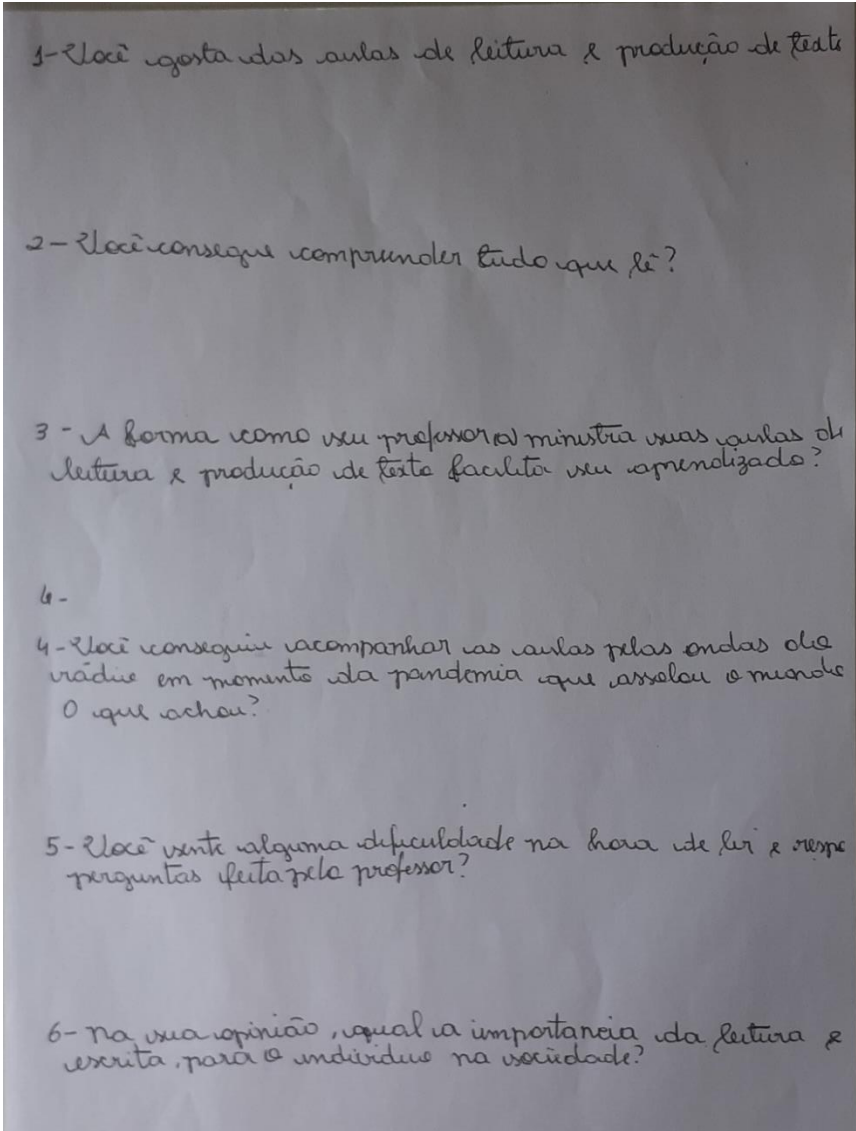
3º Os livros e textos que são trabalhados em sala de aula contribuem para o aluno despertar algum interesse ou são tratados como tarefa escola?

4º A forma como a leitura/ escrita e conduzida em sala de aula, contribuem para que o aluno compreenda melhor o que está sendo proposto?

5º Para você qual é o papel da escola no ensino da leitura e escrita

6º Em sua opinião como educador as aulas do ensino remoto produzidas para contornar os problemas causado pela covid19, conseguiram alcançar seus objetivos?

Figura 2: Questionário Feito aos Alunos



1- Você gosta das aulas de leitura e produção de texto?

2- Você consegue compreender tudo que lê?

3- A forma como seu professor(a) ministra suas aulas de leitura e produção de texto facilita seu aprendizado?

4-

4- Você conseguiu acompanhar as aulas pelas ondas de rádio em momento da pandemia que assolou o mundo? O que achou?

5- Você sente alguma dificuldade na hora de ler e responder perguntas feita pelo professor?

6- Na sua opinião, qual a importância da leitura e escrita, para o indivíduo na sociedade?

Figura 3 e 4 mostra os alunos respondendo o questionário



Na Figura 5 e 6 e mostrado como se dá o Ensino Tecnológico

